

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA ADÉLIA DE FÁTIMA PEREIRA DE PAIVA

INTERVENÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL: Contribuições da Logoterapia e Análise
Existencial de Viktor Frankl

São Luís

2018

MARIA ADÉLIA DE FÁTIMA PEREIRA DE PAIVA

**INTERVENÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL: Contribuições da Logoterapia e Análise
Existencial de Viktor Frankl**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia, da
Universidade Federal do Maranhão como pré-requisito
para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com
Formação de Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Ms. Francisca Pereira da Cruz
Zubicueta.

São Luís

2018

Pereira de Paiva, Maria Adélia de Fátima.

Intervenção na clínica infantil : Contribuições da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl / Maria Adélia de Fátima Pereira de Paiva. - 2018.

88 p.

Orientador(a): Francisca Pereira da Cruz Zubicueta.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, 2018.

1. Clínica infantil. 2. Infância. 3. Logoterapia e Análise Existencial. 4. Psicologia. I. Pereira da Cruz Zubicueta, Francisca. II. Título.

MARIA ADÉLIA DE FÁTIMA PEREIRA DE PAIVA

**INTERVENÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL: Contribuições da Logoterapia e Análise
Existencial de Viktor Frankl**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia, da
Universidade Federal do Maranhão como pré-requisito
para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com
Formação de Psicólogo.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Francisca Pereira da Cruz Zubicueta (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão
Departamento de Psicologia

Prof.^a Ms. Tatiana Oliveira de Carvalho

Instituto Geist
Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE)

Prof.^a Dr.^a Cristianne Almeida Carvalho

Universidade Federal do Maranhão
Departamento de Psicologia

AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai, Amigo e Conselheiro que me escolheu antes de me formar no ventre da minha mãe. Obrigada, Espírito Santo, por conduzir os meus passos e me ajudar a chegar até aqui. Obrigada, Jesus pelo teu infinito amor que me alcança a cada dia! Obrigada por estar comigo durante toda essa jornada!

Aos meus pais, Alan Pinheiro de Paiva e Graciane Silva Pereira, pelo amor incondicional. Obrigada pelos princípios e valores que me passaram. Obrigada, pai, por me apoiar nessa escolha, por todo incentivo que você sempre me deu e por ter sido um dos instrumentos pelo qual eu conheci a Logoterapia. Obrigada, mãe, por não medir esforços para me ver feliz, por sempre me ajudar em todas as dificuldades ao longo dessa caminhada, por toda compreensão e por toda confiança depositada em mim. Sua sabedoria, força e dedicação me inspiram. Eu amo vocês!

As minhas avós, Maria Adélia Pinheiro e Inalda Silva Pereira, que sempre me ajudaram ao longo da minha vida e são exemplos de coragem, amor e bondade. Obrigada por todo cuidado!

Ao meu amor, Claubert Furtado, por ser um companheiro maravilhoso. Obrigada por acreditar em todos os meus sonhos, ser um grande incentivador e por toda ajuda na realização deste trabalho! Obrigada por ter estado ao meu lado em todos os momentos desta caminhada! Eu amo você!

À minha família, que é um exemplo de amor ao próximo, união e generosidade. Eu não poderia ter nascido em outra melhor. Destaque para as minhas primas-irmãs Áurea e Carol, obrigada por representarem isso em minha vida. Obrigada, Carol por ser a irmã mais velha, estar sempre comigo e me ajudar quando preciso.

À todos os meus amigos da vida... Destaque para as de 12 anos de amizade: Luana Feres, Marina Tominaga, Marina Bogéa, Morgana Alencar, Bruna Barros e Maria Carolina. E aos meus queridos irmãos da igreja.

Aos meus amigos de turma, que estiveram compartilhando os mesmos sentimentos durante os anos de graduação. Destaque para as amigas Thalita Andreia, Luana Brito, Luiza Ursula, Ellen Resende, Ana Tereza e Mariana Nascimento, que estiveram mais perto de mim

durante esta caminhada, surgindo um sentimento de admiração e carinho que guardarei para sempre.

Aos meus professores da graduação, que transmitiram seus conhecimentos e me inspiraram pelo compromisso e amor à Psicologia.

À minha orientadora, professora Francisca Cruz, por me orientar no estágio e na monografia. Obrigada por todos os ensinamentos dispensados, por toda paciência, carinho e solicitude. Sua paixão pela Psicologia e Logoterapia me inspira.

Obrigada!

“As pessoas grandes nunca
compreendem nada das coisas, e é cansativo
para as crianças estar sempre lhes dando
explicações”

(Antoine de Saint-Exupéry)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo identificar e analisar as possíveis contribuições teóricas e práticas da Logoterapia e Análise Existencial para a intervenção na clínica psicológica infantil. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, constituindo-se num estudo de campo, utilizando como instrumento a entrevista semiestruturada, na qual foram entrevistadas duas psicólogas, que trabalham na clínica infantil a partir da abordagem da Logoterapia, acerca de suas visões quanto a esta atuação. As falas das entrevistadas foram categorizadas e analisadas. Os resultados obtidos estão de acordo com a literatura existente. Considera-se esta pesquisa relevante como contribuição para a qualificação da atuação de psicólogos clínicos que trabalham com crianças, facilitando o reconhecimento da importância do acompanhamento psicológico mesmo nesta fase do desenvolvimento e demonstrando a necessidade de mais estudos e publicações sobre o processo logoterapêutico infantil de forma a indicar caminhos para intervenções mais eficientes.

Palavras-chave: Psicologia. Logoterapia e Análise Existencial. Infância. Clínica psicológica infantil.

ABSTRACT

The present study aimed to identify and analyze the possible theoretical and practical contributions of Logotherapy and Existential Analysis for intervention in the children's clinic. For that, a qualitative research was carried out, constituting a field study, using as an instrument the semi-structured interview, in which two psychologists were interviewed, who work in the children's clinic from the approach of Logotherapy, about their views on this performance. The interviewees' statements were categorized and analyzed. The results obtained are in accordance with the existing literature. This relevant research is considered as contributing to the qualification of clinical psychologists working with children, facilitating the recognition of the importance of psychological counseling even at this stage of development and demonstrating the need for further studies and publications on the child's logotherapeutic process to indicate ways for more efficient interventions.

Keywords: Psychology. Logotherapy and Existential Analysis. Childhood. Children's clinic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 BREVE HISTÓRICO DO RECONHECIMENTO DA INFÂNCIA PELA SOCIEDADE	13
2.1 HISTÓRIA DA INFÂNCIA	13
2.1.1 HISTÓRICO DA CRIANÇA NO BRASIL	16
2.2 TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: PERCEPÇÕES SOBRE A INFÂNCIA	18
2.2.1 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DE MERLEAU-PONTY	18
2.2.2 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DE MARTIN BUBER.....	20
2.2.3 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA GESTÁLTICA	222
2.2.4 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY.....	23
2.2.5 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DE WINNICOTT	25
3 A LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	28
3.1 O PERCURSO EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANKL	28
3.2 A ONTOLOGIA DIMENSIONAL.....	33
3.3 POSTULADOS TEÓRICOS BÁSICOS DA LOGOTERAPIA	39
3.3.1 LIBERDADE DA VONTADE	39
3.3.2 A VONTADE DE SENTIDO	411
3.3.3 O SENTIDO DA VIDA	444
4 CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA UMA INTERVENÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL	47
4.1 PSICOTERAPIA E RELAÇÃO TERAPÊUTICA	47
4.2 TÉCNICAS ESPECÍFICAS DA LOGOTERAPIA	52
4.2.1 INTENÇÃO PARADOXAL	52
4.2.2 DERREFLEXÃO	53

4.2.3 DIÁLOGO SOCRÁTICO	53
4.3 CONSIDERAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DE ALGUNS LOGOTERAPEUTAS NA CLÍNICA INFANTIL.....	54
5 OBJETIVOS	63
5.1 GERAL:.....	63
5.2 ESPECÍFICOS.....	63
6 METODOLOGIA E MÉTODO	64
6.1 AMOSTRA.....	64
6.2 LOCAL DE PESQUISA	65
6.3 INSTRUMENTOS	65
6.4 PROCEDIMENTOS GERAIS.....	65
6.5 REFERENCIAL DE ANÁLISE DE DADOS.....	66
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
7.1 PERFIL DAS PARTICIPANTES	67
7.2 CLÍNICA INFANTIL NA ABORDAGEM DA LOGOTERAPIA	67
7.2.1 INTERVENÇÃO LOGOTERAPÊUTICA COM CRIANÇAS	69
7.2.2 ORIENTAÇÃO QUANTO AO SENTIDO DA VIDA	70
7.2.3 TÉCNICAS E RECURSOS UTILIZADOS	71
7.2.4 ATUAÇÃO DO LOGOTERAPEUTA	73
7.2.5 CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA A PSICOTERAPIA INFANTIL.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES	80

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema “Intervenção na Clínica Infantil: Contribuições da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl” surgiu mediante reflexões acerca da psicoterapia a partir da visão desta abordagem, que tem como questão central o sentido da vida. Partindo deste ponto, surgiram questionamentos a respeito de uma intervenção clínica infantil, sendo este um campo ainda pouco explorado, com poucas produções específicas, por isso a escolha em trabalhar e apresentar contribuições para esta temática.

Para Frankl (2015), o homem não só procura um sentido como o encontra, por três caminhos, são estes os valores de criação, o homem encontra sentido no que faz ou cria; os valores de vivência, onde descobre sentido em suas experiências ou em amar alguém; e os valores de atitude, ter atitude para ir ao encontro de um destino inevitável e irrevogável. De acordo com a Logoterapia, o sentido da vida está sempre disponível para o ser humano mesmo diante do que se chama tríade trágica: sofrimento, culpa e morte. (KROEFF, 2014).

A partir desta compreensão da Logoterapia, surgiram algumas indagações: Como acontece uma intervenção logoterapêutica com crianças? É possível orientá-las quanto ao sentido da vida? Quais são as técnicas e recursos utilizados? Como deve ser a atuação do logoterapeuta? Acredita-se que é necessário realizar pesquisas acerca destes questionamentos para ajudar na investigação e compreensão dos mesmos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento a entrevista semiestruturada, com duas psicólogas de São Luís que atuam na clínica infantil com formação na abordagem da Logoterapia e Análise Existencial.

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar as possíveis contribuições teóricas e práticas da Logoterapia e Análise Existencial para a intervenção na clínica infantil, visando contribuir com conhecimentos de forma a qualificar a atuação dos psicólogos neste campo. Podendo ainda, facilitar o reconhecimento da importância e necessidade da criança ter um acompanhamento psicológico. A relevância do trabalho se refere à necessidade de mais estudos e publicações sobre o processo logoterapêutico infantil de forma a indicar caminhos para intervenções mais eficientes.

Para a melhor compreensão do tema proposto neste trabalho, o conteúdo abordado foi estruturado em sete capítulos. O primeiro, “Breve histórico do reconhecimento da infância

pela sociedade”, trata deste assunto de forma contextualizada, possibilitando a compreensão de como esta fase da vida foi considerada ao longo da história, sendo, portanto, essencial para uma pesquisa que aborda o tema da infância. Destaca-se o autor Philippe Ariès, pioneiro nos estudos da história da infância, bem como a história da infância no Brasil e ainda, as percepções de alguns autores e teorias acerca do desenvolvimento infantil: Merleau-Ponty, Buber, a percepção gestáltica, Vygotsky e Winnicott.

O segundo capítulo, “A Logoterapia e Análise Existencial e suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano”, apresenta o percurso existencial de Viktor Frankl, a ontologia dimensional e os postulados teóricos básicos da Logoterapia e Análise Existencial. O capítulo seguinte, “Contribuições da Logoterapia para uma intervenção na clínica infantil”, aborda-se a psicoterapia e a relação terapêutica para a compreensão desta atuação, pois, segundo Frankl (2011) o que possui mais importância na terapia é o tipo de relação humana construída entre terapeuta e paciente, denominado encontro pessoal e existencial; depois, métodos e técnicas da logoterapia e por último, o que alguns logoterapeutas têm trabalhado na clínica infantil, de modo a possibilitar melhor visualização desta prática.

No quarto capítulo foram colocados os objetivos deste trabalho, o geral e os específicos. Já o quinto capítulo, “Metodologia e Método” apresenta a amostra, o local de pesquisa, os instrumentos, os procedimentos gerais e o referencial de análise dos dados, bem como a metodologia e os métodos utilizados para a realização desta pesquisa.

O capítulo “Resultados e discussões” expõe o perfil dos entrevistados e os resultados obtidos a partir dos dados coletados, por meio do uso de categorias, de acordo com as perguntas elaboradas para a entrevista, de modo a responder aos questionamentos feitos durante o trabalho e a alcançar os objetivos propostos, realizando-se a discussão dos resultados com base na literatura existente a fim de analisar e compreender a clínica infantil em Logoterapia e Análise Existencial. Finaliza-se este estudo com as “Considerações finais”, apontando as contribuições e reflexões decorrentes desta monografia.

2 BREVE HISTÓRICO DO RECONHECIMENTO DA INFÂNCIA PELA SOCIEDADE

2.1 HISTÓRIA DA INFÂNCIA

A representação da infância ganha complexidade e diversidade no decorrer da história. Torna-se relevante a compreensão de que o olhar para a infância nem sempre foi o mesmo. A sociedade moderna possui um olhar diferente daquele da sociedade medieval, onde a criança não era reconhecida por suas particularidades e características próprias. Ela era introduzida ao mundo do adulto bem cedo e participava de todas as atividades comuns aos adultos. Para compreender como se chegou a essa visão da sociedade contemporânea destaca-se a obra “História Social da Infância e da Família” (1981) de Philippe Ariès, considerado o pioneiro nos estudos históricos da infância por apresentar importantes contribuições para o estudo das concepções desta fase da vida ao longo da história, oferecendo informações que apontam a necessidade da criança ser reconhecida por suas especificidades e da separação da mesma do mundo dos adultos. Seus estudos foram baseados na iconografia medieval, através da qual o autor delinea o caminho que a infância percorreu para chegar a ser conhecida como é atualmente.

Ariès (1981) relata que a idade cronológica não possuía durante a Idade Média a importância que possui atualmente. Foi somente no século XVI que a idade começou a receber um significado maior, à medida que os reformadores religiosos e civis a incluem nos documentos, começando pelas classes ditas mais instruídas na sociedade, ou seja, as classes que tinham acesso aos colégios. A partir de então, móveis, retratos e diários de famílias eram datados com precisão cronológica.

Até o século XII a infância não era representada na arte medieval. Ariès (1981) acredita que isso se deve ao fato de não haver lugar para a criança nesse mundo. Observando as iconografias da época é possível concluir que as crianças eram vistas como adultos em miniatura. As crianças eram ilustradas semelhantemente aos adultos nos trajes, nas expressões e na musculatura, diferindo apenas no tamanho.

Durante a Idade Média, a duração da infância era reduzida ao período em que a criança encontrava-se mais frágil, quando dependia de alguém para cuidar dela, logo que a criança crescia e não mais precisava de cuidados constantes, era envolvida entre os adultos,

participando de seus trabalhos e jogos. A socialização da criança não era garantida pela família, mas, sim, a partir de sua inserção no cotidiano da vida dos adultos. Diferentemente da sociedade moderna:

A intimidade e a vida privada da família moderna propõem novas relações familiares, acompanhadas por mudanças de valores, especialmente em relação à educação das crianças. A criança assume um lugar central na família, pois se antes era cuidada de forma difusa e dispersa pela comunidade em geral, passará a ser responsabilidade dos pais. Ou seja, com o capitalismo e a propriedade privada, a criança passa a ser responsabilidade dos pais e também dona e herdeira das riquezas, misérias e valores sociais. (ANDRADE, 2010, p.50).

Havia altos índices de mortalidade infantil na Idade Média. Era presente, nessa época, o sentimento de que nasciam várias crianças para permanecerem apenas algumas. Como a perda da criança era considerada um acontecimento ocasional, as pessoas não se apegavam a elas. A criança era considerada insignificante, e, pela grande quantidade de mortes na infância, estas não causavam grande pesar, havia o sentimento de que outras poderiam substituir a que morreu, sendo esta uma razão para as famílias serem tão numerosas. (ARIÈS, 1981).

Segundo Ariès (1981) é a partir do século XIII que a imagem da criança vai se transformando, pois surgiram desenhos com uma forma mais semelhante ao sentimento de infância vivido atualmente. A partir do século XIV surgiu o tema da infância sagrada ganhando destaque os aspectos graciosos, delicados e ingênuos da primeira infância, bem como a criança brincando com brinquedos infantis e a criança comendo seu mingau. A partir do século XIV observa-se que as figuras retratavam as “idades da vida”, onde se encontra primeiramente a idade dos brinquedos; em seguida, a idade da escola; depois, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria; ainda, as idades da guerra e da cavalaria e finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo. (ARIÈS, 1981).

As “idades da vida” ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções. De fato, tratava-se originalmente de uma terminologia erudita, que com o tempo se tornou familiar. As “idades”, “idades da vida” ou “idades do homem” correspondiam no espírito de nossos ancestrais a noções positivas, tão conhecidas, tão repetidas e tão usuais, que passaram do domínio da ciência ao da experiência comum. (ARIÈS, 1981, p.4).

Nos séculos XV e XVI, destacou-se uma iconografia onde as crianças estão representadas com sua família; com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos; a

criança no meio das multidões, brincando, assistindo aos milagres ou aos martírios; a criança na escola, etc. (ARIÈS, 1981).

Airès (1981) constata através do seu trabalho que ainda no início do XVI, os adultos se permitiam tudo diante das crianças, elas viam e ouviam de tudo e eram associadas às brincadeiras sexuais dos adultos. Não existia o sentimento de inocência infantil. Posteriormente, no final do século XVI, é marcado o respeito pela infância. A preocupação quanto ao que era permitido às crianças, surgiu tanto entre católicos como entre protestantes. “Uma noção essencial se impôs: a da inocência infantil.” (ARIÈS, 1981, p.84). Ocasionalmente uma grande mudança nos costumes durante o século XVII e originando um novo sentimento de infância: a moralidade. A criança, então, passa a ser vista como um ser frágil, que deve ser preservado, protegido e educado. Surgiu também nessa época um sentimento de “paparicação” da infância “em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto”. (Ariès, 1981, p.100).

No final do século XVII, também ocorreram mudanças relacionadas ao tratamento com as crianças, iniciando-se a preocupação com a saúde das mesmas, as famílias começam a vacinar suas crianças. Essa preocupação, provavelmente, favoreceu outras práticas de higiene, provocando uma diminuição da mortalidade infantil, difundindo cada vez mais um controle da natalidade. Nesse período também, as crianças deixaram de aprender através do contato direto com os adultos, a aprendizagem foi substituída pela escola, essa separação ocorreu devido ao movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos ou protestantes, ligados à Igreja, as leis ou ao Estado. (ARIÈS, 1981).

A partir do século XVIII, começaram a surgir mudanças no interior das famílias, gerando um “sentimento de família”, marcado pela necessidade e desejo de privacidade e priorizando-se a intimidade e o isolamento familiar, estabelecendo o modelo de família burguesa. A família começa a se organizar em torno da criança, e o seu cuidado e educação passam a ser de total responsabilidade dos pais. (ANDRADE, 2010). Os principais elementos que ocasionaram mudanças no papel das crianças na sociedade são os processos econômicos e sociais que sustentam a solidificação do capitalismo. A sociedade passa então a ter certa preocupação quanto ao futuro das crianças, cuja inclusão na sociedade produz novos significados, respondendo a oportunidades e limites econômicos que surgem a partir da Revolução Industrial. (DOURADO, 2009).

Diante disso, conclui-se que o sentimento pela infância como vivido atualmente não existia na sociedade medieval.

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS, 1981, p.99).

2.1.1 HISTÓRICO DA CRIANÇA NO BRASIL

Para a compreensão da construção histórica da visão da criança brasileira é preciso considerar as diversas categorias de infância. Essas variadas categorias ocorreram em virtude de questões sociais, raciais e de gênero. Segundo Silva (2011), destacam-se no Brasil colonial três categorias distintas de infância: as crianças da elite; as indígenas e as crianças filhas de escravos negros. As crianças da elite deviam dedicar-se ao estudo; as negras, eram submetidas ao trabalho escravo antes dos sete anos de idade e as nativas, sofreram o processo de aculturação com a chegada dos jesuítas. (ANDRADE, 2010).

Dourado (2009) afirma que antes da colonização já existia entre os indígenas, diversas práticas culturais relacionadas à infância e estas práticas influenciaram a entrada das crianças no mundo dos adultos. Com o processo de colonização implantado por Portugal, a partir de 1500, as crianças indígenas foram escravizadas.

Durante o período colonial, os colonizadores exploravam a infância para nutrir o mercantilismo. No século XVI, eram recrutadas crianças nas áreas urbanas de Portugal para serem levadas às colônias a fim de substituir a mão-de-obra adulta que se encontrava insuficiente devido às altas taxas de mortalidade no país. Dentro das caravelas, as crianças eram submetidas a péssimas condições de transporte, realização de trabalhos pesados, e ainda sofriam maus tratos e abusos sexuais. Ao chegar ao Brasil, algumas dessas crianças inseriram-se em ocupações econômicas e foram aceitas pelos índios, integrando-se aos costumes indígenas. As crianças embarcadas nos navios negreiros da África viviam em condições mais precárias, passavam a viagem dentro dos porões dos navios. Após o percurso, eram vendidas nos mercados públicos. Enquanto as crianças negras eram separadas de seus pais e, desde os três anos de idade designadas ao trabalho doméstico ou atividades agrícolas. As crianças da elite possuíam como único trabalho a atividade intelectual e reproduziam os comportamentos autoritários diante dos escravos adultos e também crianças. (DOURADO, 2009).

Mesmo após a libertação dos escravos, as crianças negras continuam a realizar tarefas semelhantes às que faziam anteriormente. Ao migrarem das propriedades rurais para a cidade, trabalham em diferentes atividades, mas ainda sendo exploradas. O trabalho infantil na área urbana era utilizado de diversas formas, dependendo das condições econômicas de cada região. No final do século XIX e início do século XX, as indústrias se utilizaram do trabalho infantil em péssimas condições. O que também ocorria com os filhos de imigrantes. Tanto a sociedade quanto o Estado consideravam o trabalho como ambiente de formação da infância desfavorecida. O Estado enviou crianças para trabalharem em oficinas, fábricas ou propriedades rurais. Também foram criados, no Brasil, estabelecimentos que favorecessem a aprendizagem de atividades manuais e agrícolas para os infantes, o que fortaleceu o pensamento de que essas atividades estariam salvando as suas crianças. (DOURADO, 2009). É possível observar que as diferentes categorias relacionadas às questões sociais e raciais marcaram a construção da percepção de infância no Brasil.

Dourado (2009) relata que somente no início da década de 90, no Brasil, com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente e a mobilização social em volta dele foi possível a denúncia de situações de exploração e violência contra crianças e adolescentes. Marcando um novo tempo para a infância, que ganha novos significados e um olhar de que a criança precisa ser protegida.

Diante do que foi exposto, compreende-se que o conceito de infância foi uma construção histórica. Essa fase da vida nem sempre foi vista como é atualmente, nem tinha suas próprias especificidades. Com a importância que conquistou na sociedade moderna, a criança não é mais vista como um adulto em miniatura; e a infância é considerada uma fase do desenvolvimento humano com características próprias. O reconhecimento da infância propicia a construção de conhecimentos e teorias para a apreensão deste fenômeno. Dentre esses saberes, destaca-se a Psicologia do Desenvolvimento.

O estudo do desenvolvimento humano é imprescindível para a compreensão dos acontecimentos de cada idade e do que ocorre em cada fase. Como afirma Bock (2008, p.11): “A criança não é um adulto em miniatura. Ao contrário, ela apresenta características próprias de sua idade. Compreender isso é compreender a importância do estudo do desenvolvimento humano.”

O desenvolvimento é um processo contínuo e ininterrupto em que os aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais se interconectam, se influenciam

reciprocamente, produzindo indivíduos com um modo de pensar, sentir e estar no mundo absolutamente singulares e únicos. (BOCK, 2009, p.116).

Portanto, no tópico seguinte abordaremos algumas teorias do desenvolvimento infantil. Vale ressaltar que considerou-se mais importante abordar as teorias que possuem algumas aproximações epistemológicas com a Logoterapia, mantendo uma coerência com o objetivo deste trabalho. Contudo, incluiu-se Winnicott por ser uma referência no uso do lúdico no processo psicoterápico.

2.2. TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: percepções sobre a infância

2.2.1 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DE MERLEAU-PONTY

Maurice Merleau- Ponty (1908- 1961) foi um filósofo francês que desenvolveu uma proposta filosófica com base na teoria fenomenológica iniciada por Edmund Husserl, principalmente a partir da ideia de “mundo vivido”. Para o filósofo, toda fenomenologia é existencial e a experiência vivida só pode ser compreendida a partir da existência, logo, a existência precede a essência.

Na fenomenologia merleau-pontyana, o fenômeno da aquisição de comportamentos na infância é compreendido a partir da questão da imitação. A criança primeiramente imita o adulto, visando apenas chegar ao mesmo resultado, para posteriormente compreender o sentido deste comportamento. O processo de aquisição da linguagem também ocorre da mesma forma, é a relação com o meio e com o outro que estimula a criança para a linguagem. A criança imita o outro do modo como lhe é possível, exercendo sua liberdade, sem um esforço intelectual para apreender a linguagem. Desse modo, a experiência por meio da existência aparece antes de qualquer racionalização. (TELLES, 2014).

Desde os primeiros balbucios, há uma incitação do meio com relação aos objetivos da expressão. Contudo, há uma espontaneidade da criança na fala, mas sempre a partir dessa relação anterior com o meio, do qual aos poucos ela vai se diferenciando. [...] Ela se expressa, portanto, em padrões pré- estabelecidos cultural e socialmente; mas traz sempre algo novo na medida em que experiencia suas distintas nuances na relação com o mundo e reconhece suas possibilidades de singularização. (TELLES, 2014, p.7).

Portanto, as noções de liberdade e cultura, estão bastante relacionadas na fenomenologia merleau-pontyana. São estas noções que possibilitam a compreensão da relação da criança com a imitação, como uma forma de inserção cultural que se realiza na

liberdade da criança. A relação da criança com a cultura também sinaliza o seu reconhecimento de si mesma, diferente do outro. A cultura encontra-se presente na pessoa antes mesmo do nascimento e principalmente na relação mãe-bebê. (TELLES, 2014).

Em Merleau-Ponty (1980) encontra-se a significação da palavra enquanto criação de sentido. A linguagem estabelece a relação entre o eu e o outro e solidifica os significados que constituem uma cultura: “A palavra é a modulação de uma certa maneira de existir, que é originariamente sensível.” (MERLEAU-PONTY, 1980, p.11). Outra questão central para o autor é a noção de uma “consciência perceptiva solidária com o corpo”, sendo a maneira pela qual a pessoa se estabelece no mundo, recebendo e doando significado; o corpo apresenta reflexividade e visibilidade. “O corpo é o visível que se vê, um tocado que se toca, um sentido que se sente.” (MERLEAU-PONTY, 1980, p.10). A experiência inicial do corpo consigo mesmo é uma experiência que se propaga e se repete na relação com as coisas e na relação com os outros. (MERLEAU-PONTY, 1980).

Segundo Machado (2007), a criança está no mundo, que é apresentado a ela inicialmente pelos adultos e este mundo só pode ser apreendido pela criança a partir de seu corpo. A autora trata da infância com base nos pensamentos de Merleau-Ponty. Ela parte da premissa básica da Fenomenologia de compreensão do fenômeno assim como se apresenta à consciência. Afirma que é preciso aceitar as crianças tal como elas se apresentam.

Aos olhos de Merleau-Ponty, uma das grandes dificuldades acerca do tema infância, se deve ao fato de tentarmos compreendê-lo por uma perspectiva adulta, o que torna inviável a compreensão total deste fenômeno tal qual ele ocorre. Por este motivo, não devemos falar de uma “natureza infantil”, uma vez que, assim como os adultos, as crianças possuem diferentes visões de mundo e experiências vividas entre si. Também não devemos enxergar a criança como alguém que entende totalmente as relações sociais e culturais, como o adulto entende, nem como alguém que possui um funcionamento tão diferente do adulto. Outra dificuldade no que diz respeito ao adulto, é que, embora a sua presença seja imprescindível na inserção cultural das crianças, muitas vezes acontece uma antecipação do adulto ao lidar com as problemáticas infantis, no sentido de querer despertar conteúdos ou comportamentos que ainda não fazem sentido para a criança; mas também não deve ser cometido o erro de deixar a criança sem a sua mediação. (TELLES, 2014). Deste modo, compreende-se que:

É importante que as crianças não sejam educadas de modo puramente autoritário, uma vez que isso não permitiria a elas a distinção entre si e outrem – diferença necessária para o atingimento da maturidade; como também seria danosa a educação

de pura imanência, sem a presença do adulto, em que tudo seria possível à criança, uma vez que não haveria mediações na relação da criança com o seu meio, nem com outrem. (TELLES, 2014, p. 10).

Conforme esta perspectiva, o fenômeno da infância não pode ser compreendido a partir de uma lógica causal, deve-se buscar compreendê-lo pela via das relações que a criança estabelece com o mundo (família, sociedade, cultura etc.). Uma vez que as crianças se relacionam com o mundo antes de pensar ou refletir sobre suas experiências. Portanto, as concepções acerca da infância devem ser suspendidas a fim de compreender o fenômeno tal como ele ocorre. (TELLES, 2014).

É imprescindível que “o adulto *leia* a criança, em sua plenitude e autenticidade, em situações de co-pertença”. (MACHADO, 2013, p.255). Essa leitura tem início nos olhos e na expressão facial da mãe ou das pessoas cuidadoras. O processo continua com o surgimento da capacidade de estar só, proporcionada pela presença da mãe (ou das pessoas cuidadoras), sem necessidade de intervir: seria a atitude de estar presente e ausente. Quando o adulto lhe propicia este tipo de companhia, o bebê começa aos poucos a se entregar a ele mesmo. E assim, inicia-se, uma vida pessoal, um caminho existencial na direção do “si-mesmo”. (MACHADO, 2013).

Na experiência existencial de ser-no-mundo, não é possível conceber qualquer pessoa ou coisa no mundo “por si só”, isoladamente. Estamos mergulhados em situações relacionais, em contextos vividos, de tal maneira que qualquer ato de isolamento ou busca por “objetividade pura” torna-se impossível. (MACHADO, 2007, p.36).

É na capacidade humana de relacionar-se, especialmente por meio da linguagem, que há a possibilidade de descoberta do outro e do mundo (MACHADO, 2007). Na visão de Merleau-Ponty, a compreensão do homem só é possível em sua existência no mundo.

2.2.2 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DE MARTIN BUBER

Tanto Merleau-Ponty quanto Martin Buber partem do princípio do homem enquanto ser situado no mundo com o outro. Contudo, Martin Buber é considerado o filósofo da relação, pois a relação é a noção primitiva de sua teoria da existência. Buber parte do propósito de apresentar uma ontologia da existência humana, explicitando a existência dialógica, a fim de compreender a ação humana no mundo e a transformação a partir do encontro com o outro.

Martin Buber (2001) definiu duas atitudes distintas do homem, face ao mundo. Atitudes que se revelam pela palavra-princípio Eu-Tu e pela palavra-princípio Eu-Isso. Na atitude Eu-Tu, a pessoa entra em relação, deixa-se atravessar pela presença viva do outro, o Tu pode ser qualquer ser que esteja presente no face-a-face: homem, Deus, uma obra de arte, uma pedra, uma flor, uma peça musical. A atitude Eu-Isso, por sua vez, leva a experienciar de forma objetiva as situações, o Isso pode ser qualquer ser que é considerado um objeto de uso, de conhecimento, de experiência de um Eu. As duas palavras-princípio estabelecem dois modos de existência: a relação ontológica Eu-Tu e a experiência objetivante Eu-Isso. O critério de maior valor, para Buber, repousa sobre a reciprocidade, ele afirma que relação é reciprocidade. A palavra-princípio Eu-Tu fundamenta o mundo da relação, enquanto o mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio Eu-Isso. (BUBER, 2001).

A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre Eu e Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação [...] Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro (BUBER, 2001, p.59).

O anseio por relação aparece desde o início da vida. Os gritos inarticulados do bebê que parecem não possuir sentido se transformarão em diálogo. Assim também, os movimentos reflexos são um instrumento fundamental para a pessoa na construção de seu mundo. Logo, “não é verdade que a criança percebe primeiramente um objeto, e, só então entra em relação com ele. Ao contrário, o instinto de relação é primordial. [...] Em seguida acontece a relação, ainda uma forma primitiva e não-verbal do dizer-Tu”. (Buber, 2001, p.69).

A criança tem um prazo para substituir a ligação natural, que a unia ao universo, por uma ligação espiritual, isto é, a relação. Ela sai das trevas candentes e do caos e se dirige para a criação clara e fria. Mas ela não a possui ainda; ela deve antes de tudo esclarecê-la, fazendo-a para si mesma uma realidade; ela deve contemplar o seu mundo, escutá-lo, senti-lo, manipulá-lo. A criação revela a sua essência como forma no encontro. Ela não se derrama aos sentidos que a aguardam, mas ela se eleva ao encontro daqueles que a sabem buscar. Tudo o que será representado diante do homem adulto, como objetos habituais, deve ser conquistado, solicitado pelo homem em formação num inesgotável esforço, pois coisa alguma é parte de uma experiência, nada se revela senão pela força atuante na reciprocidade do face-a-face. (BUBER, 2001, p.69).

Martin Buber apresenta o homem como um ser de relação. Sendo a relação o fundamento da existência humana. A própria condição de existência como ser-no-mundo é uma existência fundada no diálogo. “A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas.” (Buber, 2001, p.92).

2.2.3 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA GESTÁLTICA

A concepção de ser humano em Gestalt-terapia “é a visão integral e não fragmentada do homem e da realidade que nos cerca, denominada holismo”. (Aguiar, 2005, p.41). O ser humano é compreendido como uma totalidade, o que significa ir além de suas características isoladas, articulando-as a outras características do seu ser total, bem como a totalidade do contexto do qual ele faz parte. (AGUIAR, 2005). Deste modo:

A criança tal como a encaramos é percebida como um ser total ou global, o que implica considerar uma inevitável vinculação, reciprocidade e retroalimentação entre fatores emocionais, cognitivos, orgânicos, comportamentais, sociais, históricos, culturais, geográficos e espirituais. (AGUIAR, 2005, p.41).

Segundo a abordagem gestáltica, o ser humano é essencialmente relacional, bem como contextual e singular (essa singularidade apresenta-se na totalidade do homem e não em características isoladas). O homem constitui-se e constrói-se a partir das relações que estabelece no mundo: “Encontra-se irremediavelmente atravessado por inúmeros elementos do campo do qual faz parte, os quais afetam sua relação com o outro e consigo mesmo.” (Aguiar, 2005, p.44).

O ser humano cresce e desenvolve-se ao longo do tempo na e a partir da relação: nós existimos a partir da relação, e não há outra forma de nos constituirmos, a não ser na relação. É na interação ininterrupta com o mundo, desde o momento do nascimento até o fim de sua vida, que o ser humano diferencia-se, transforma-se e desenvolve-se como uma pessoa com características próprias. (AGUIAR, 2005, p.43).

A relação em Gestalt-terapia refere-se “a uma interação constante, onde o ser humano é transformado, construído e constituído pelo meio, mas, também, influencia, modifica e transforma esse meio, deixando a sua ‘marca’”. (AGUIAR, 2005, p.45). Nessa interação, o ser humano se diferencia, se desenvolve e se torna uma pessoa com características singulares. Sobre a compreensão do desenvolvimento do ponto de vista gestáltico, Aguiar (2005) afirma que, não é priorizado o biológico ou o social, mas o desenvolvimento é compreendido como um processo singular e infinito, a partir do biológico e do social em constante interação e diálogo entre todos os elementos do campo.

Violet Oaklander é uma gestalt-terapeuta com um trabalho significativo na infância, e possui um modelo de trabalho na psicoterapia com crianças, tendo como parte essencial deste modelo o desenvolvimento e o crescimento normal de uma criança.

A criança de colo está muito em contato com os seus sentidos: ela se deleita em sua nova consciência de cheiro, som, luz, cores, faces, gosto e tato. Ela se delicia na sua

sensoriedade, e nela floresce. Em breve o bebê toma consciência do seu corpo e aprende que pode tocar, alcançar, agarrar, soltar. [...] Enquanto seus sentidos e seu corpo vão alcançando novos cumes de consciência, o mesmo se dá com os seus sentimentos. (OAKLANDER, 1980, p.73).

Segundo Oaklander (1980), a criança descobre que os sons que ouve e que faz possuem significado e que assim, pode começar a comunicar-se verbalmente com os outros de modo a tornar suas necessidades conhecidas. À medida que o seu intelecto se desenvolve a criança começa a expressar curiosidade, pensamentos e ideias, e durante esse processo, os seus sentidos e sentimentos corporais atingem níveis mais elaborados de desenvolvimento. Defende que o bebê é em todos os sentidos um ser existencial e que: “O desenvolvimento sadio, contínuo dos sentidos, do corpo, dos sentimentos e do intelecto da criança constitui a base subjacente do senso de eu da criança. Um senso de eu forte contribui para um bom contato com o meio ambiente e com as pessoas desse meio ambiente.” (OAKLANDER, 1980, p.73).

2.2.4 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY

Vygotsky (1896-1934) desenvolveu uma teoria Sociointeracionista, pois teve como base a compreensão do homem a partir de sua relação com a sociedade e com o contexto histórico. Também destacou importância do ambiente no desenvolvimento psicológico da criança, que acontece através da interação e das relações estabelecidas pelo homem com o mundo. Esse processo pelo qual o indivíduo adquire conhecimento através das trocas realizadas com o meio foi denominado por Vygotsky (1991) de mediação.

O teórico ressaltou a dimensão social e a relação das funções e estruturas psíquicas com a cultura. Propôs uma relação especial entre a percepção e as sensações, que recebem significado social e cultural e são responsáveis pelo conjunto de informações recebidas. Sobre a formação da percepção, do pensamento, da memória, da imaginação e da vontade na criança, compreendeu que estas funções se desenvolvem paralelamente e coincidem em alguns momentos do desenvolvimento. As funções psicológicas superiores, assim denominadas por Vygotsky, são componentes psicológicos que manifestam ações construídas na relação das dimensões biológica, psíquica e social do homem. Estas funções estabelecem conexões que resultam posteriormente em construções mais elaboradas. Assim, o desenvolvimento partiria, primeiramente, de um plano sensório-motor, para em seguida constituir a percepção, o pensamento, a memória e demais funções. (FRÓIS, 2010).

Se incluirmos essa história das funções psicológicas superiores como um fator de desenvolvimento psicológico, certamente chegaremos a uma nova concepção sobre o próprio processo de desenvolvimento. Podem-se distinguir, dentro de um processo geral de desenvolvimento, duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. (VYGOTSKY, 1991, p. 34).

Para Vygotsky, o comportamento da criança teria origem na relação entre as duas linhas, a linha dos processos elementares e a das funções psicológicas superiores. Durante a infância, surgem dois modos fundamentais de comportamento: o uso de instrumentos e a fala humana.

Sobre o pensamento e a linguagem, Vygotsky compreendeu que estão relacionados, mas não se trata de processos lineares e vinculados, eles desenvolvem-se paralelamente e só encontram-se em determinado momento do desenvolvimento. (FRÓIS, 2010). Da mesma forma a fala e a atividade prática, duas linhas totalmente independentes, convergem em determinada ocasião, marcando o momento de maior significado do desenvolvimento intelectual, dando origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata. A fala acompanha a atividade prática e possui um papel especial na sua realização. As crianças necessitam do auxílio da fala para a resolução de suas atividades práticas, assim como do auxílio dos olhos e das mãos. A criança começa a perceber o mundo através da fala. Fala e ação constituem uma mesma função psicológica, dirigida para a solução de um problema. A criança utiliza a fala durante sua ação para elaborar possíveis formas de solucionar um problema e então executa a solução planejada através de uma atividade visível. A fala promove a manipulação de objetos pela criança e controla o comportamento da mesma. Portanto, a fala da criança é tão importante quanto à ação para alcançar um objetivo. Essa relação entre fala e ação acontece de forma dinâmica no decorrer do desenvolvimento das crianças. (VYGOTSKY, 1991).

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 1991, p.24).

A teoria de Vygotsky, além de destacar o papel da cultura na formação do indivíduo, destaca também o papel dos signos, que são elementos da cultura expressos pela linguagem e possuem grande importância na consolidação das funções psicológicas superiores e no comportamento humano. A linguagem media a relação entre o indivíduo e o seu contexto

histórico. É através da mediação simbólica que o indivíduo se apropria do mundo. A linguagem e o sistema de símbolos são construídos historicamente, logo, são mutáveis. Signos e palavras constituem para as crianças um meio de contato social com outras pessoas. Para responder às demandas sociais, o homem se apropria de símbolos, especialmente a linguagem, que são mediadores entre cultura e indivíduo. Os signos podem sofrer dois tipos de processos, o primeiro que é a internalização, onde a criança se apropria da fala do outro; e o segundo, a utilização dos sistemas simbólicos.

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos. (VYGOTSKY, 1991, p.20).

As experiências vivenciadas pela criança, assim como as relações sociais estabelecidas a partir delas caracterizam o desenvolvimento psicológico infantil. Dessa forma, o desenvolvimento é sustentado por fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. São as funções psicológicas do indivíduo que conduzem seu processo de relação social. Na medida em que se desenvolve, o homem cria novas formas de percepção do mundo e de atuação no mesmo, logo, suas funções psicológicas também se modificam. Como afirma Vygotsky (1991, p. 20): “tem-se admitido que a mente da criança contém todos os estágios do futuro desenvolvimento intelectual; eles existem já na sua forma completa, esperando o momento adequado para emergir”.

2.2.5 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DE WINNICOTT

Segundo Winnicott (1964) mesmo no ventre, o bebê já é um ser humano, diferente de qualquer outro, e ao nascer já acumulou muitas experiências, agradáveis e desagradáveis. Da mesma forma que a mãe sente os movimentos do bebê, este sente as emoções e comportamentos da mãe. Por exemplo, quando a mãe está agitada, ansiosa ou zangada. Portanto, há um conhecimento mútuo. Essa relação íntima entre mãe e bebê continua a se desenvolver constantemente e a partir dessa relação são construídos os alicerces da personalidade da criança.

É necessário que seja dado um bom princípio aos bebês para que eles se tornem adultos saudáveis e indivíduos independentes, mas socialmente preocupados, e esse princípio

está assegurado por um vínculo entre mãe e bebê, esse vínculo é o amor. (WINNICOTT, 1964).

Há um conceito denominado pelo psicanalista como “organização em marcha”, segundo o qual, o bebê não precisa da mãe para crescer e desenvolver-se; apesar de necessitar de cuidados especiais provenientes do amor da mãe, a inclinação para a vida e para o desenvolvimento é algo inato no bebê: “Em cada bebê há uma centelha vital, e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e o desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para frente de modo que não temos de compreender.” (WINNICOTT, 1964, p.29). Winnicott (1964) afirma que a vida para as crianças, e principalmente para os bebês, é uma série de experiências intensas; para elas, todas as sensações são vividas intensamente.

Você já observou o que de fato acontece quando você interrompe uma brincadeira; de fato, você gosta de fazer advertências, para que, se possível, a criança dê as suas brincadeiras uma determinada finalidade e, assim, tolere a sua interferência. Um brinquedo que um tio ofereceu ao seu filhinho é uma parcela do mundo real; contudo, se for oferecido da melhor maneira e na ocasião mais apropriada pela pessoa mais adequada, terá um significado para a criança que deveríamos ser capazes de compreender e aceitar. (WINNICOTT, 1964, p. 77-78).

A criança de dois a quatro anos vive concomitantemente em dois mundos. O mundo que os adultos compartilham com a criança – que poderia ser chamado de mundo externo ou mundo real - é também o seu próprio mundo imaginativo. Por isso, ao tratar com uma criança dessa idade, não se deve insistir numa percepção exata do mundo externo.

O caso é que não impomos a realidade às crianças pequenas e esperamos não ter que fazê-lo mesmo quando elas chegam aos cinco ou seis anos, visto que, se tudo correr bem, nessa idade a criança começará a manifestar um interesse científico por essa coisa a que os adultos chamam o mundo real. Este mundo real tem muito a oferecer, desde que a sua aceitação não signifique uma perda da realidade do mundo pessoal imaginativo ou interior. (WINNICOTT, 1964, p. 78).

Desta forma, é possível entrar no mundo imaginativo da criança, ao participar das brincadeiras infantis ou de outras experiências imaginativas da criança.

A criança é uma pessoa e não apenas um corpo. A história de um ser humano começa antes mesmo de nascer (WINNICOTT, 1964). Como pessoa, o bebê necessita ser conhecido por alguém, e por quem ele melhor é conhecido é pela sua própria mãe: “Um bebê não pode existir sozinho, sendo essencialmente parte de uma relação.” (Winnicott, 1964, p. 99).

Se a mãe não souber ver no filho recém-nascido um ser humano, haverá poucas probabilidades de que a saúde mental seja alicerçada com uma solidez tal que a criança, em sua vida posterior, possa ostentar uma personalidade rica e estável,

suscetível não só de adaptar-se ao mundo, mas também de participar de um mundo que exige adaptação. (WINNICOTT, 1964, p. 118).

O desenvolvimento do ser humano é um processo contínuo, tanto o desenvolvimento do corpo como o da personalidade e o da capacidade de relações. É a sensibilidade da mãe às necessidades da criança que possibilita que o mundo vá ao encontro da criança, e esta ao encontro do mundo.

É possível perceber que todas as teorias acima apresentadas reconhecem a importância do outro, do papel da relação no desenvolvimento infantil. Bem como, as contribuições que cada uma destas teorias promove para a compreensão do desenvolvimento infantil. Tornou-se importante destacar essas diferentes visões acerca do desenvolvimento para um entendimento ampliado da infância, e assim, facilitar – devido às aproximações epistemológicas com a Logoterapia e suas contribuições para o processo psicoterápico – o alcance do objetivo proposto neste trabalho e a apresentação das contribuições da Logoterapia e Análise Existencial para a compreensão do desenvolvimento humano.

3 A LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DA INFÂNCIA

A psicoterapia abrange uma visão de homem e uma filosofia de vida. Sendo necessário abordar esses dois fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial. Antes, porém, de apresentar estes dois fundamentos se faz imprescindível expor o percurso existencial de Viktor Frankl.

3.1 O PERCURSO EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANKL

Viktor Frankl nasceu em 26 de março de 1905, em Viena, Áustria. Os pais de Viktor, Gabriel Frankl e Elza Lion, eram judeus praticantes. Eles casaram-se em 1901, Elsa com vinte e dois anos de idade e Gabriel com quarenta anos. O casal teve três filhos, Walter August, o primogênito, Viktor Emil e Estella Josefina. As características de seus pais marcaram a personalidade de Viktor que supõe ter herdado a racionalidade do pai e a emotividade da mãe, pois Gabriel era um homem rigoroso e com um grande senso de dever e justiça, e Elsa era uma mulher bondosa e devota. (FRANKL, 2010).

Aos três anos de idade, Viktor já estava decidido a se tornar médico. Aos quatro anos de idade, perturbou-se com a ideia de que algum dia iria morrer. (FRANKL, 2010). Desde pequeno, Viktor já perguntava pela finalidade das coisas, surgindo, neste período, suas primeiras perguntas sobre o sentido da vida e o sentido da morte. Frankl (2010) relata que havia uma educadora amiga de seus pais que gostava de chamá-lo de “pensador”, provavelmente porque ele não parava de lhe fazer perguntas e declara: “Não acredito que tenha sido um grande pensador. Mas certamente fui, talvez, um pensador persistente, que esmiúça tudo até o fim.” (FRANKL, 2010, p.30).

Quando tinha treze anos de idade, ouviu de um professor que a vida consistia apenas em um processo de combustão e oxidação. Então, revoltado com a visão niilista do docente, levantou-se e questionou: “Que sentido tem então a vida?”. O professor não podia responder-lhe porque era um reducionista. (FRANKL, 2005).

Na adolescência, se dedicou à leitura de pensadores como Wilhelm Ostwald, fundador da moderna físico-química, e Gustav Theodor Fechner, fisiologista experimental e

psicofísico. Frequentava a Universidade Popular a fim de assistir aulas sobre Psicologia Aplicada e se interessava por Psicologia Experimental. (FRANKL, 2010). Ficou fascinado pela psicanálise de Freud ao ler “Além do princípio do prazer”. Consequentemente inicia suas correspondências com Freud, enviando-lhe seus materiais acerca de sua leitura interdisciplinar, acreditando que seria de interesse do psicanalista, este respondia a todas as suas cartas, sendo-lhe um grande incentivador. Mesmo a oposição de Frankl a Freud, não diminuiu seu respeito em relação a ele. Certa vez, Viktor chegou a encontrar o psicanalista por acaso, mas afirmou ser tarde demais, pois já estava sendo influenciado por Alfred Adler. (FRANKL, 2010).

Frankl também foi influenciado pelo Existencialismo.

O jovem Viktor começou a perceber o nihilismo e o reducionismo como uma ameaça não só para seu próprio ser, como para toda sociedade. Aproximou-se então dos existencialistas mais positivos e otimistas: Martin Heidegger, Gabriel Marcel, Karl Jaspers, Max Scheler. (FREITAS, 2012, p. 117).

Enquanto se apaixonava pela psiquiatria, e principalmente pela psicanálise, não abandonou mais a filosofia. Aos quinze ou 16 anos, Frankl proferiu uma conferência sobre o sentido da vida, desenvolvendo as primeiras ideias de sua teoria, a qual viria a denominar de Logoterapia e Análise Existencial. (FRANKL, 2010). Aos 18 anos, publicou seu primeiro artigo “Alegria, ou esplêndida centelha divina...”, no jornal *Der Tag*.

Durante a sua juventude, pensava sobre o sentido da vida, principalmente, o sentido do dia por vir, “seu sentido para mim”. (FRANKL, 2010, p.31). A respeito desta fase de sua vida, comenta:

Quando eu era jovem, tive de passar pelo inferno do desespero devido à aparente falta de sentido da vida, pelo nihilismo total e extremo. Mas lutei contra ele como Jacó lutou com o anjo, até que pude “dizer sim para a vida, apesar de tudo, até que eu consegui desenvolver imunidade contra o nihilismo”. (FRANKL, 1991, p.265).

Durante o ensino médio foi funcionário da Juventude do Partido Socialista dos Trabalhadores e em 1924, coordenador dos Estudantes Socialistas da Áustria. Frankl também gostava de passear pelo Prater com seus amigos discutindo entre as alternativas Marx ou Lênin e Freud ou Adler. Em 1924, inicia seus estudos na faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Aos 21 anos de idade, foi convidado pela Juventude Trabalhadora Socialista, já como estudante de medicina, para proferir uma palestra em Frankfurt sobre o sentido da vida e, na viagem de volta, deu em Berlim, uma palestra sobre temas da Psicologia Individual de Adler. (FRANKL, 2010).

Frankl mantinha uma relação com Alfred Adler. Para ele, Adler foi um precursor da psiquiatria existencial. Assim, participou da sua Associação de Psicologia Individual, sendo influenciado por dois professores, Rudolf Allers, com quem Frankl trabalhou no laboratório de fisiologia dos sentidos, e o outro, Oswald Schwarz, fundador da medicina psicossomática e da antropologia médica; ambos vieram a desligar-se do ciclo adleriano expondo os seus motivos publicamente. Frankl, então, defendeu as posições de seus professores, argumentando o quanto que a psicologia individual ainda precisava superar o psicologismo. Depois do ocorrido, Adler não mais falava com Frankl, nem respondia aos seus cumprimentos, deixando recado para que ele sáísse da Associação, mas Frankl não achava ser motivo para tanto. Até que alguns meses depois foi expulso da sociedade adleriana. (FRANKL, 2010).

No ano de 1925, teve outro artigo publicado denominado “Psicoterapia e visão de mundo”. Foi vice-presidente da Associação Acadêmica para Psicologia Médica, que tinha Freud como assessor. Nesta associação, deu uma conferência em 1926, com 21 anos, falando da Logoterapia pela primeira vez diante de um público acadêmico. O termo análise existencial só foi empregado a partir de 1933. Em 1927, ainda como estudante de medicina, Viktor Frankl organizou o Serviço de Orientação para a Juventude em Viena, orientando jovens com problemas psíquicos, gratuitamente, objetivando reduzir os altos índices de suicídio na Europa central. Em 1930, aos 25 anos, organizou uma ação especial na época de entrega dos boletins de qualificações e, como resultado, não se registrou suicídio de escolares, como acontecia sempre nesta época. Por isso, foi convidado a fazer conferências sobre este tema em outros países. (FRANKL, 2010).

Frankl também ministrava palestras em organizações da juventude socialista trabalhista, e nessas palestras, sempre tinha respostas a perguntas escritas no final que “juntaram-se à minha bagagem de experiência e fundiram-se com o que eu aprendi no contexto do aconselhamento juvenil por meio do contato com milhares de jovens que vinham se consultar”. (FRANKL, 2010, p.85). Considera que essa experiência deve explicar Pötzl abrir exceção para ele e permitir que trabalhasse com a psicoterapia de maneira autônoma, enquanto ainda era estudante de Medicina. Sobre seu trabalho nessa época, afirmou: “Agora eu tentava esquecer o que havia aprendido da psicanálise e da psicologia individual. Eu me esforçava para aprender do paciente – ouvir o paciente. Eu queria descobrir como ele agia quando sua situação melhorava. Comecei a improvisar.” (FRANKL, 2010, p.86). Fez residência médica em Neurologia e Psiquiatria; trabalhou por quatro anos em um hospital psiquiátrico.

Em 1937, abriu seu consultório como médico especialista em neurologia e psiquiatria. Poucos meses depois, as tropas de Hitler invadiram a Áustria, impedido de exercer seu ofício na clínica e por não conseguir um visto, passou a Diretor do Serviço de Neurologia do Hospital de Rothschild, onde apenas judeus eram atendidos - com este serviço, conseguiu adiar a sua transferência e a de seus pais para os campos de concentração. (FRANKL, 2010).

Nesta época, Frankl conseguiu o visto para se refugiar na América do Norte, porém, o visto era individual, então ficou a pensar se iria embora e deixaria seus pais sozinhos, pois sabia que o destino que os esperava era o campo de concentração. Para refletir sobre sua decisão, saiu de casa para caminhar, e achou ser esta situação uma daquelas que pede por um sinal dos céus. Ao voltar, encontrou um pedaço de mármore sobre uma mesa, perguntou ao seu pai o que significava essa peça. A resposta que obteve foi se tratar de uma parte das tábuas dos dez mandamentos. O mandamento em questão era o de honrar pai e mãe para que se prolonguem os seus dias na terra. Frankl entendeu ser o sinal de que precisava, decidindo permanecer em Viena junto aos seus pais e deixando o visto caducar. (FRANKL, 2010).

Em 1938, apareceu o artigo “A problemática espiritual da psicoterapia” no periódico científico *Zentralblatt für Psychoterapie*. [...] esboçando, assim, as idéias fundamentais de sua analítica existencial, bem como suas indicações clínicas. Enquanto esperava pela sua deportação, Frankl começou a escrever o livro *Psicologia médica (Ärztliche Seelsorge)*. Os manuscritos foram perdidos durante a reclusão nos campos de concentração. (AQUINO, 2013, p.23).

Permanecendo em Viena, Frankl conheceu sua primeira mulher no hospital, Tilly Grosser, enfermeira chefe. Casaram-se em 1941. Eles foram um dos últimos judeus a receberem autorização de casamento das autoridades nazistas. Desde então, os judeus estavam proibidos de ter filhos. Tilly teve de sacrificar o filho deles - Tilly veio a falecer, com 25 anos, em Bergen-Belsen. (FRANKL, 2010).

Em 1942, Frankl, acompanhado por seus pais, foi conduzido para o campo de Theresienstadt. Seu pai morreu aos 81 anos, em Theresienstadt, amparado por Viktor, que nos últimos momentos lhe aplicou uma dose de morfina para aliviar o sofrimento. Sua mãe Elsa morreu na câmara de gás em Auschwitz. (FRANKL, 2010).

Frankl passou três anos em quatro campos de concentração: Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering III e Türkheim, o que serviu como validação existencial da sua teoria. “Não é sem orgulho que digo não ter sido nada mais que um prisioneiro ‘comum’, nada fui

senão o simples nº 119.104. A maior parte do tempo estive trabalhando em escavações e na construção de ferrovias.” (FRANKL, 2015, p.18).

Em 1945, ditou em nove dias o livro “Em Busca de Sentido”. Em 1946, Frankl lançou seu primeiro livro, *Arzliche Selsorge* e foi nomeado chefe do departamento de neurologia da Policlínica de Viena (atuando por vinte e cinco anos), onde conheceu uma enfermeira chamada Elleonore Katharina Schwindt, que veio a ser sua esposa em 1947, com quem viveu feliz por 52 anos. Tiveram uma filha chamada Gabriele e dois netos: Katharina e Alexander. (FRANKL, 2010).

Em 1949, recebeu o grau de doutor em Filosofia, pela Universidade de Viena. Em 1955, foi nomeado professor de neurologia e psiquiatria da Universidade de Viena e proferiu duzentas e nove conferências em universidades dos cinco continentes. Chegou a publicar 39 livros. Recebeu o prêmio Oskar Pfitzer e vinte e nove títulos de *Doutor Honoris Causa* por diversas universidades do mundo. (FRANKL, 2010).

Segundo Freitas (2012), aos 67 anos, Frankl começou a aprender a pilotar um avião; escalar montanhas foi uma paixão que desenvolveu até aos 80 anos e até aos 90 anos deu aulas na Faculdade de Medicina de Viena. Frankl também era caricaturista, e assim como psiquiatra, percebia as fraquezas de uma pessoa. Porém, como psiquiatra, conseguia a partir das fraquezas, descobrir as possibilidades para superá-las, e também apesar da adversidade de uma situação pode identificar as possibilidades de dar um sentido a essa situação e transformar o infortúnio num triunfo humano. O alpinismo era o hobby preferido de Frankl. Seus amigos acreditavam que havia uma relação entre essa sua paixão e seu interesse por uma psicologia das alturas, como definia a Logoterapia em oposição à psicologia profunda. Uma característica marcante de Frankl era o humor, ele gostava de utilizar-se de jogos de palavras, charadas e piadas; isso acontecia até nos campos de concentração. Acreditava também ser necessário que os médicos ou terapeutas conduzissem a conversa com seus pacientes de forma semelhante. (FRANKL, 2010).

Frequentar cinema, teatro, ir a concertos apreciar música clássica e caminhar no Prater eram atividades agradáveis a Frankl. Passou a vida em Viena, onde morou num apartamento simples, porém aconchegante, lugar em que escreveu as suas obras. Certo dia apresentou um problema cardíaco e necessitou de uma intervenção cirúrgica: “Antes da cirurgia, quando todos os familiares estavam aflitos devido à situação de risco que se lhe apresentava, Frankl perguntou: ‘Onde está o trágico?’. Segundo Alexander Vesely, neto de

Frankl, essas foram suas últimas palavras.” (AQUINO, 2015, p.39). Frankl não acordou da cirurgia, falecendo em 2 de setembro de 1997, aos noventa e dois anos de idade, de parada cardíaca.

A partir da biografia de Viktor Frankl é possível perceber que a Logoterapia e Análise Existencial não surgiu a partir de suas experiências no campo de concentração, como muitos acreditam, pelo contrário, o próprio fundador desta teoria afirma: “A Logoterapia surgiu então na casa onde nasci.” (FRANKL, 2010, p.26). A sua experiência no campo de concentração legitimou a Logoterapia, possibilitando a verificação de alguns conceitos como a capacidade especificamente humana da autotranscendência e do autodistanciamento. (FRANKL, 2010).

3.2 A ONTOLOGIA DIMENSIONAL

Em primeiro lugar, é importante esclarecer em que consiste logoterapia e análise existencial e a diferença entre análise existencial e análise da existência, já que estes dois termos causam confusão. Logoterapia e análise existencial são, na verdade, duas faces da mesma moeda. Enquanto que, análise existencial e análise da existência, ambas esforçam-se para conseguir esclarecer a existência. No entanto, a análise da existência coloca ênfase sobre o esclarecimento do ser, ao passo que a análise existencial, para além do esclarecimento do ser, cresce para um esclarecimento do sentido, de modo que o destaque passa do esclarecimento de realidades do ser para um esclarecimento de possibilidades de sentido. (FRANKL, 1991).

A análise existencial ultrapassa qualquer análise simples, e é terapia, precisamente logo-terapia, ao contrário da análise da existência, que – pelo menos de acordo com as definições autênticas dos principais analistas da existência – não constitui em si e como tal uma (psico)terapia no verdadeiro sentido da palavra. (FRANKL, 1991, p.61-62).

A Logoterapia é uma forma de psicoterapia constituída pelo psiquiatra e neurologista vienense Viktor E. Frankl. É chamada a “Terceira Escola de Psicoterapia de Viena”. A palavra grega *Logos*, refere-se a sentido e/ou significado, bem como a espírito no sentido filosófico “significa a humanidade do ser humano e o sentido de ser humano!” (FRANKL, 2011, p. 28). Já “o termo ‘existencial’ pode ser usado de três maneiras: referindo-se (1) a existência em si mesma, isto é, ao modo especificamente humano de ser; (2) ao sentido da existência; (3) à busca por um sentido concreto na existência pessoal, ou seja, à vontade de

sentido”. (FRANKL, 2015, p. 126). Portanto, Logoterapia significa “uma psicoterapia orientada para o sentido – e que reorienta os pacientes para ele”. (FRANKL, 1991, p.62).

Do que trata a logoterapia? É mais fácil falar do que ela não trata. Não é um procedimento psicanalítico nem tampouco um método psicotécnico. Não é uma metodologia de salvação nem um culto esotérico. Sua proposta é abrangente, pois se dirige tanto a pessoas sadias como a pessoas doentes, a jovens e velhos, a indivíduos nas mais diferentes situações de vida. Sua pretensão é muito simples: quer preparar o caminho para uma vida plena de sentido. Inclui aspectos filosóficos, médicos, pedagógicos, psicoterapêuticos, psiquiátricos, espirituais e outros. Mas caracteriza-se melhor como o elo falante entre todas essas peças do quebra-cabeças das ciências humanas, como uma síntese verdadeiramente integradora do homem e da sua missão no mundo. (LUKAS, 2002, p.8).

Frankl vai recorrer ao conceito grego de *nous*, e integrar o ser humano numa unidade biopsiconoética. De acordo com Frankl, o ser humano não pode ser concebido apenas como uma máquina, reduzido a processos psicológicos, sociológicos ou somáticos. (AQUINO, 2013).

Lukas (1992) considera que o que é espiritual é pura ‘*dynamis*’, é movimento, embora não movimento no espaço e sim movimento no ser. Do mesmo modo que “existência pressupõe movimento, pois deriva da palavra *ex-sistere*, ou seja, emergir”. (AQUINO, 2012, p.44).

Na visão da Logoterapia, o homem é um ser tridimensional, sendo as três dimensões: a somática, a psíquica, a espiritual/noética. A dimensão noética é compreendida como uma dimensão antropológica, onde se localizam os fenômenos especificamente humanos, pois só os homens a possuem, os outros seres vivos possuem somente o corpo ou corpo e psique. Segundo Aquino (2012) a dimensão noética seria o núcleo integrador do ser humano.

A esse respeito, Frankl (2011, p. 28) afirma que:

No momento em que o homem reflete sobre si mesmo – ou, se for preciso, rejeita a si mesmo; quando quer que ele faça a si próprio de objeto – ou aponte objeções a si mesmo; no momento em que o homem manifesta sua consciência de si, ou quando quer que exiba seu ser consciente, aí, o ser humano atravessa a dimensão noológica.

Lukas (1989) compreende a dimensão somática como a união de todos os fenômenos corporais do homem, inclusive os processos celulares e químicos. A dimensão psíquica abarca o campo da existência do homem com suas sensações, desejos, impulsos e também os processos intelectuais, padrões de comportamentos adquiridos e costumes sociais. Na dimensão espiritual ou noética localizam-se as atitudes do ser humano diante das condições psicofísicas, compreendem-se aqui as decisões da vontade, intencionalidade, interesses artísticos, criatividade, religiosidade, ‘consciência moral’ e compreensão do valor. De acordo

com Lukas (1992), a dimensão espiritual/noética é aquela pela qual a pessoa humana é capaz de valorar, posicionar-se e decidir. Essas três dimensões não podem ser separadas uma da outra. A autora considera que assim acontece na ontologia dimensional: em cada parte do ser humano tocam-se uma na outra todas as três dimensões. De maneira que: “a dimensão espiritual é a dimensão propriamente do homem, ‘especificamente humana’, também chamada, na logoterapia, *dimensão noética*, por derivação da palavra grega *nous, noetos* (=espírito, mente)”. (LUKAS, 1989, p.29).

A logoterapia procura a conscientização do espiritual. Segundo Frankl (2016), na sua particularização como análise existencial, essa abordagem busca “trazer o homem à consciência do seu ser-responsável – enquanto fundamento essencial da existência humana”. (p.81). Portanto, não pretende ser somente uma análise da pessoa concreta (análise no sentido ôntico), mas busca também uma análise no sentido ontológico, “uma explicação, um desdobramento da essência da existência pessoal”. (FRANKL, 1991, p.62).

Frankl (2016, 2011) define o homem como unidade apesar da pluralidade, pois existe uma unidade antropológica apesar das diferenças ontológicas, apesar das diferenças entre as espécies:

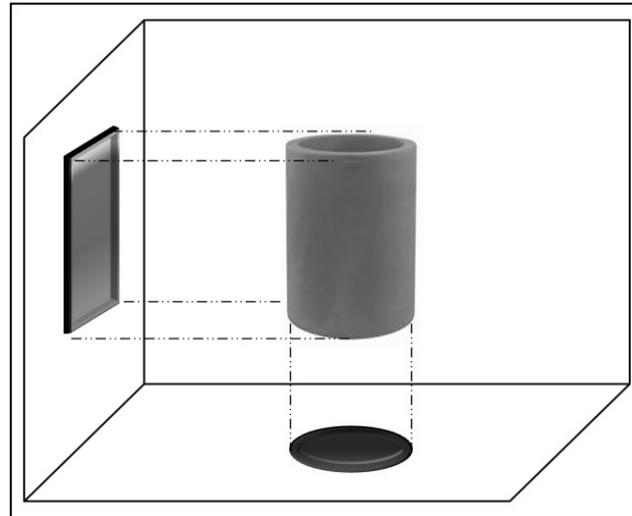
A despeito de toda a unidade e totalidade da essência do homem, há uma multiplicidade de dimensões em que ele se estende interiormente, devendo a psicoterapia segui-lo no interior de todas elas. Nada se pode deixar de tomar aí em consideração: - nem a dimensão somática, nem a psíquica, nem a noética. (FRANKL, 2016, p. 20).

A ontologia dimensional proposta por Frankl trata-se de uma visão específica de compreensão do ser em sua totalidade, sendo utilizada para esclarecer a constituição própria do ser humano. Essa ontologia constitui-se em duas leis.

A primeira lei indica que se um mesmo fenômeno é projetado de sua dimensão particular em dimensões inferiores, as figuras que aparecerão em cada plano serão contraditórias entre si. A dimensão noética abarcaria as dimensões inferiores – psíquica e somática. Pois seria uma dimensão superior, não no sentido hierárquico¹. Isto pode ser representado pela figura geométrica a seguir:

¹ Os termos “superior” e “inferior” não indicam um caráter moral de avaliação das dimensões, nem implica um julgamento de valor. Segundo Frankl (2011, 2016) “superior” apenas indica uma dimensão mais inclusiva e abrangente.

FIGURA 1 – PRIMEIRA LEI DA ONTOLOGIA DIMENSIONAL DE FRANKL

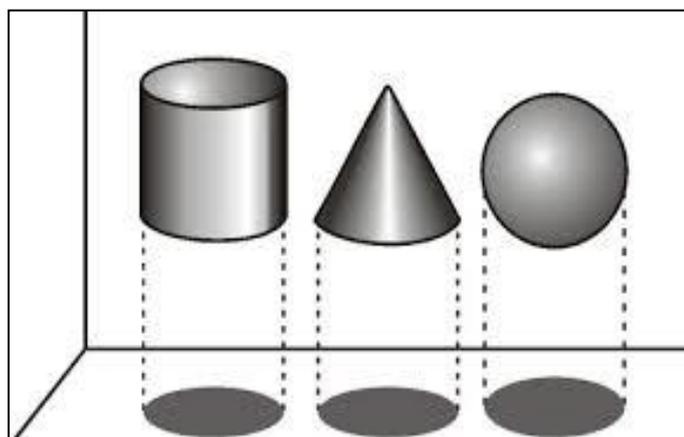


Fonte: Frankl (2011, p. 34).

Pode-se pensar em um cilindro, um objeto tridimensional, quando projetado para os planos horizontal e vertical, formaria, no primeiro caso, um círculo, e no segundo caso, um retângulo. Percebe-se que tais imagens são contraditórias entre si. Outra contradição é que o cilindro é uma figura aberta em suas extremidades superior e inferior, enquanto o círculo e o retângulo são figuras fechadas. De acordo com esta lei, quando se projeta um fenômeno em dimensões diferentes e mais baixas tem-se uma inconsistência. (FRANKL, 2011, 2016).

A segunda lei determina que “quando diferentes fenômenos são projetados de suas dimensões particulares em uma dimensão diferente, mais baixa do que a sua própria, as figuras que aparecerão em cada plano serão ambíguas”. (FRANKL, 2011, p. 35).

FIGURA 2 – SEGUNDA LEI DA ONTOLOGIA DIMENSIONAL DE FRANKL



Fonte: Frankl (2011, p. 35).

Na Figura 2, tem-se a representação de um cilindro, um cone e uma esfera. Os três objetos são projetados de suas dimensões particulares num plano unidimensional, resultando em figuras ambíguas, em círculos. Logo, a partir da projeção, não se pode afirmar o que há sobre o círculo.

Em resumo, conforme a primeira lei da ontologia dimensional, o mesmo fenômeno em diferentes projeções reproduz-se de modos diferentes. Já a segunda diz que diferentes fenômenos numa mesma projeção resultam em igualdade.

Aplicando isto ao homem, a primeira lei afirma que, tomado na dimensão noética e projetado em suas dimensões biológica e psicológica, o ser humano se representa de tal maneira que apresentará resultados antagônicos, visto que, na primeira dimensão, tem por resultado fenômenos somáticos e na segunda, resultados psíquicos. (FRANKL, 2016).

Mas, à luz da ontologia dimensional, a oposição não se faz à unidade do homem: faz-se tão pouco como a oposição entre o círculo e o retângulo se faz à realidade, sendo, como são, as projeções de um mesmo e único cilindro. Contudo, não percamos de vista uma coisa: a unidade dos modos de ser humanos, que liga a pluralidade das espécies de ser diferenciáveis a que ela se refere; portanto, a ligação dos opostos como o soma e a *psyche* [...] de balde a procuraremos nos planos em que projetamos o homem. Encontrá-la-emos antes e unicamente na dimensão imediatamente mais elevada, na dimensão do especificamente humano. (FRANKL, 2016, p.67-68).

Frankl (2016, 2011) afirma que com esta lei não se pretende resolver o problema psicofísico. Mas a ontologia dimensional deve projetar sobre o problema uma luz mostrando a razão de o ser insolúvel. Semelhantemente acontece com o problema do determinismo. Portanto, da mesma forma que a abertura de um copo desaparece em sua projeção nos planos horizontal e vertical, quando o homem é projetado em uma dimensão inferior à sua, desconsidera-se a sua abertura para o mundo.

Ser homem significa, já de si, ser para além de si mesmo. A essência da existência humana, diria eu, radica na sua autotranscendência. Ser homem significa, de per si e sempre, dirigir-se e ordenar-se a algo ou a alguém: entregar-se o homem a uma obra a que se dedica, a um homem que ama, ou a Deus, a quem serve. (FRANKL, 2016, p.68).

Como na Figura 1, o retângulo e o círculo constituem, cada um, uma projeção do cilindro. Porém, não se pode dizer que o cilindro é composto por um retângulo e um círculo, ele é dimensionalmente mais do que isso. Do mesmo modo não se pode dizer que o homem é constituído por alma e corpo.

A existência do homem não se limita nem ao corpo, nem à alma, e a existência do homem não se esgota nem no plano do somático, nem do psíquico. Ao contrário, ela

só pode ser reduzida a eles e projetada do espaço do realmente humano sobre eles, à força e com violência. (FRANKL, 1991, p.63).

Apesar de suas diferentes dimensões, o ser humano não pode ser dividido, pois ele é uma unidade – unidade apesar da multiplicidade – que é encontrada em sua dimensão noológica. Portanto, a representação dessa primeira lei visa enfatizar que as projeções geram contradição e que a superação dessas inconsistências só pode ser encontrada numa dimensão mais elevada, mais compreensiva e abrangente, a dimensão espiritual.

Torna-se importante evidenciar que ao considerar a dimensão espiritual como mais inclusiva e abrangente, Frankl não nega as dimensões biológica e psicológica.

Tudo isso constitui uma questão crucial em antropologia, pois implica, nada mais, nada menos, o reconhecimento de que o homem –ao tornar-se um ser humano – de modo nenhum deixou de continuar sendo um animal, assim como um avião, pelo fato de voar, também não deixou de ser capaz de mover-se sobre o solo do aeroporto. (FRANKL, 1991, p.38-39).

Do mesmo modo, Frankl (2011) considera que, algumas teorias que se detêm às dimensões mais baixas, apesar de negligenciarem a humanidade do homem não a negam. Isso aplica-se às abordagens como o reflexologismo de Pavlov, o behaviorismo de Watson, a psicologia individual de Adler e a psicanálise de Freud. Em seguida afirma que estas escolas não são invalidadas pela Logoterapia; ao contrário: são reenvolvidas por ela, ao serem revistas sob a perspectiva de uma dimensão superior.

Para a melhor compreensão da segunda lei, Frankl (2011) oferece um exemplo com figuras históricas. Imagine-se que o primeiro círculo seja um paciente vítima de esquizofrenia com alucinações auditivas e o segundo círculo seja Joana D’Arc. Da perspectiva psiquiátrica, Joana D’Arc seria diagnosticada como esquizofrênica. Fixando-se ao referencial psiquiátrico, ela não será nada mais que uma esquizofrênica- assim como na imagem das figuras geométricas, em que a sombra é ambígua, não se pode garantir se é o cilindro, o cone ou a esfera. Porém, se for contemplada a partir da dimensão noológica – e aqui se compreende o seu valor histórico e teológico - Joana D’Arc será considerada mais que uma esquizofrênica.

A partir da segunda lei, Frankl alerta para o problema do reducionismo e declara:

Eu definiria reducionismo como uma abordagem pseudocientífica que negligencia e ignora o caráter humano de determinados fenômenos ao reduzi-los a meros epifenômenos, mais especificamente, ao reduzi-los a fenômenos subumanos. De fato, pode definir-se o reducionismo como um *sub-humanismo*. (FRANKL, 2016, p.29).

Para Frankl (2011), ainda que a ciência trabalhe com projeções, pois não pode abranger a realidade em sua multidimensionalidade, o cientista “deve reconhecer o espectro

de legitimidade do saber que produz, evitando, assim, as ciladas do reducionismo”. (FRANKL, 2011, p.42). Fazendo referência a “era de especialistas” vivida na sua época e que ainda é possível perceber hoje. Define um especialista “como alguém que não mais vê a floresta da verdade, optando por enxergar apenas as árvores dos fatos”. (FRANKL, 2016, p.30-31). Portanto, sua crítica consiste em que o perigo encontra-se na ambição de um especialista em compreender o homem apenas nos termos de sua ciência. Quando determinada ciência busca totalidade, a ciência se altera em ideologia. Logo, a sua crítica não consiste no fato de que os cientistas estão se especializando, mas sim no fato de que os especialistas estão generalizando.

3.3 POSTULADOS TEÓRICOS BÁSICOS DA LOGOTERAPIA

A visão de homem da Logoterapia e Análise Existencial se sustenta sobre três pilares: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. (FRANKL, 2011).

3.3.1 LIBERDADE DA VONTADE

A liberdade da vontade constitui o primeiro pilar da visão de homem na teoria frankliana. Esta diz respeito à liberdade do ser humano diante dos condicionamentos biológicos, psicológicos e sociais. Frankl (2011, p.26) afirma: “liberdade da vontade significa a liberdade da vontade humana, e esta é a vontade de um ser finito”.

Segundo Frankl (2015), o ser humano se determina a si mesmo. Afirma que “ele é aquele ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai-Nosso ou o *Shemá Israel*”. (FRANKL, 2015, p.156).

Em sua experiência no campo de concentração, Frankl pôde observar e testemunhar alguns companheiros agirem como “porcos” e outros como “santos”. Reconhecendo que “o ser humano tem dentro de si ambas as potencialidades; qual será concretizada depende de decisões e não de condições”. (FRANKL, 2015, p. 155). Principalmente em virtude desta experiência, ele pôde constatar a elevada capacidade do homem de resistir às piores circunstâncias, enfrentando-as de modo distanciar-se da situação e de si mesmo. Essa

capacidade especificamente humana, Frankl (2011) denomina de *autodistanciamento*. O autodistanciamento se deve à abertura a uma nova dimensão, a dimensão noética ou espiritual:

A capacidade de oferecer uma atitude diante dos fenômenos somáticos e psíquicos implica a elevação a um outro nível e a abertura a uma nova dimensão, à dimensão dos fenômenos noéticos, ou dimensão noológica – em distinção à biológica e a psicológica. É nessa dimensão que os eventos tipicamente humanos devem ser localizados. (FRANKL, 2011, p. 27).

Em vista disso, a pessoa é livre para escolher sua atitude em relação a si mesmo e, assim, posicionar-se diante de seus condicionamentos. É a capacidade de tomar este tipo de atitude que constitui o ser humano. (FRANKL, 2011).

Para a Logoterapia, ser homem é ser livre e ser responsável.

Liberdade é apenas o aspecto negativo do fenômeno integral cujo aspecto positivo é responsabilidade. Na verdade, a liberdade está em perigo de degenerar, transformando-se em mera arbitrariedade, a menos que seja vivida em termos de responsabilidade. (FRANKL, 2015, p.154).

Desta forma, o primeiro pilar, a liberdade da vontade, opõe-se ao que Frankl (2016) chama de pandeterminismo, consistindo este em um determinismo exagerado. O homem não é completamente determinado, ele próprio pode decidir se cede ou não aos fatores condicionantes (biológicos, psicológicos e sociológicos). Este princípio é justamente o que o pandeterminismo esquece e desconhece, a capacidade do homem de se posicionar livremente para uma tomada de decisão diante dos condicionamentos. O autor também se refere ao determinismo como teoria do “nada mais que”: “a teoria de que o ser humano é ‘nada mais que’ o resultado de condicionantes biológicos, psicológicos e sociológicos, ou produto da hereditariedade e do meio ambiente”. (FRANKL, 2015, p. 152).

A liberdade do homem não é liberdade “de” condições biológicas, psicológicas e sociológicas, mas é liberdade “para” tomar uma posição frente a quaisquer condições que possam confrontá-lo (FRANKL, 2016).

Não preciso de que ninguém me chame a atenção para a condicionalidade do homem: - afinal de contas, eu sou especialista em duas matérias, neurologia e psiquiatria, e nessa qualidade sei muito bem da condicionalidade biopsicológica do homem; acontece, porém, que não sou apenas especialista em duas matérias, sou também sobrevivente de quatro campos de concentração, e por isso também sei perfeitamente até onde vai a liberdade do homem, que é capaz de se elevar acima de toda a sua condicionalidade e de resistir às mais rigorosas e duras condições e circunstâncias, escorando-se naquela força que costumo denominar o poder de resistência do espírito. (FRANKL, 2016, p.63).

Para Frankl (2016), a liberdade da vontade contrapõe-se ainda ao que há de fatal, ou seja, ao destino – este pode ser definido como tudo que foge da responsabilidade do homem e não fica sob o seu poder nem sob a sua responsabilidade. Neste, inclui-se o passado em sua inalterabilidade. Contudo, o homem é livre mesmo diante do passado, pois ele tem liberdade para tomar uma atitude perante o passado e decidir quem quer ser.

A inalterabilidade do passado que, como tal, se transformou em destino, é precisamente o que mobiliza a liberdade humana: o destino sempre tem que ser um incentivo para o agir ciente da responsabilidade. [...] o homem está na vida como alguém que nela colhe em cada instante uma única possibilidade, dentre uma série de possibilidades e que, realizando-a, de certo modo a põe a salvo no reino do passado e, por assim dizer, a assegura. No reino do passado fica o passado – por mais paradoxal que pareça -, e fica, não apesar de ter passado, mas precisamente porque passou. (FRANKL, 2016, p.163).

Assim sendo, Frankl (2014) concebe como unidade antropológica o ser humano como ser consciente e responsável.

3.3.2 A VONTADE DE SENTIDO

O segundo postulado básico da Logoterapia refere-se ao interesse primário do ser humano: a vontade de sentido. Frankl (2005) afirma que o homem é um ser em busca de sentido. Esta busca por sentido é uma característica distintiva do ser humano. “O homem procura sempre um significado para sua vida. Ele está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver; em outras palavras, devemos considerar aquilo que eu chamo ‘a vontade de sentido’ como um ‘interesse primário do homem’.” (FRANKL, 2005, p.29)

O homem é aberto ao mundo. Diferentemente dos animais que são limitados a um meio específico à espécie. O ambiente animal contém os elementos necessários à constituição instintiva da espécie. Em contrapartida, remover os obstáculos que o meio impõe à espécie *Homo sapiens* é uma particularidade constitutiva do ser humano. O homem busca, e, em sua busca, visa alcançar o mundo repleto de outros seres humanos a encontrar e de sentidos a realizar. (FRANKL, 2011).

Essa visão faz oposição às teorias motivacionais que são embasadas no princípio da homeostase. Teorias estas que apreendem o homem como um sistema fechado. A visão que elas possuem do ser humano é de um ser que ou reage a estímulos ou obedece aos seus impulsos. Não considerando que, na verdade, o homem não reage ou obedece, mas, sim,

responde, ou seja, responde às questões colocadas pela vida e por esse caminho realiza os significados que a vida lhe oferece. (FRANKL, 2005).

Frankl (2015a, 2011) cita a teoria freudiana que tornou conhecida a vontade de prazer, a partir da qual concebe-se o princípio do prazer, e a psicologia individual adleriana, tornando familiar a vontade de poder, sob a forma da tendência a fazer-se valer. Contudo, afirma o autor: “No homem enraíza-se mais profundamente aquilo que designei como vontade de sentido: o esforço pelo melhor cumprimento possível do sentido de sua existência”. (FRANKL, 2015a, p. 65).

Assim sendo, assegura que o princípio da homeostase não estabelece base suficiente para explicar o comportamento do homem. Pelo contrário, acaba por obscurecer a compreensão de fenômenos humanos, como a criatividade, que se dirige para os valores e para o sentido. (FRANKL, 2011).

Continua sua crítica quanto às citadas teorias motivacionais, afirmando serem o princípio do prazer e a vontade de poder visões de funcionamento autoanulativas. Uma vez que, quanto mais se faz do prazer ou do poder um alvo, mais se erra a mira. É o que o autor chama de hiperintenção e hiper-reflexão. Realizar um objetivo indica uma razão para ser feliz. Portanto, o prazer não é a finalidade última da atividade humana, mas, sim, um efeito colateral da realização de um objetivo. (FRANKL, 2011).

Em virtude da vontade de sentido, o homem está orientado para a busca e para a realização de um sentido, mas também a encontrar-se com outro ser humano a quem cabe amar. Tanto a realização quanto o encontro dão ao homem um motivo para a felicidade e para o prazer. (FRANKL, 2015a).

No neurótico, contudo, tal aspiração primária permanece como que desviada para uma aspiração direta à felicidade, à vontade de prazer. Ao invés de permanecer aquilo que deve ser, ou seja, um efeito (o efeito secundário de um sentido realizado e do ser humano encontrado), o prazer se torna objeto de uma intenção forçada, de uma hiperintenção, e esta hiperintenção faz-se sempre acompanhar de uma hiperreflexão. O prazer se torna conteúdo e objeto únicos da atenção. No entanto, à medida que o homem neurótico se interessa pelo prazer, perde de vista o motivo para o prazer – e o efeito “prazer” já não pode mais ser obtido. (FRANKL, 2015a, p.66).

A partir desta compreensão, a vontade de poder e a vontade de prazer são apenas originadas da vontade de sentido do homem - definida por Frankl (2011) como o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos. São, portanto, originadas da vontade de sentido, pois o prazer é o efeito da realização de sentido, enquanto o

poder constitui um meio para um fim, ou seja, para proporcionar o preenchimento da vontade de sentido, uma dose de poder, como, por exemplo, poder financeiro, se torna um pré-requisito necessário. Portanto:

A autorrealização não constitui a busca última do ser humano. Não é, sequer, a sua intenção primária. A autorrealização, se transformada num fim em si mesmo, contradiz o caráter autotranscendente da existência humana. Assim como a felicidade, a autorrealização aparece como efeito, isto é, o efeito da realização de um sentido. Apenas quando o homem preenche um sentido lá fora, no mundo, é que ele realizará a si mesmo. Se ele decide por realizar a si mesmo, em vez de preencher um sentido, a autorrealização perde, imediatamente, sua razão de ser. (FRANKL, 2011, p.53).

Dessa forma, as teorias motivacionais desprezam um fato antropológico fundamental da existência humana, a autotranscendência. Essa capacidade humana consiste em que o ser humano deva sempre apontar para um sentido a realizar ou para outro ser humano a encontrar. “Assim o homem se realiza, não se preocupando com o realizar-se, mas esquecendo a si mesmo e dando-se, descuidando de si e concentrando seus pensamentos para além de si.” (FRANKL, 2005, p.36). Sendo a preocupação excessiva com a autorrealização compreendida como uma frustração da vontade de sentido, pois o homem só retorna a si mesmo e se engaja na autorrealização se tiver falhado em sua missão. (FRANKL, 2011). A vontade de sentido também é definida como “aquilo que é frustrado no homem sempre que ele é tomado pelo sentimento de falta de sentido e de vazio”. (FRANKL, 1991, p.25).

O homem é impulsionado pelos instintos, mas contido pelo sentido, o que implica que compete ao homem decidir se o sentido deverá ou não ser realizado. Desta maneira, a realização de sentido sempre implicará a tomada de uma decisão. (FRANKL, 2011).

Outra questão contrária à teoria da homeostase é que certo grau de tensão não deve ser evitado, pois uma quantidade saudável de tensão, evocada por um sentido a preencher é intrínseco ao ser humano e essencial ao seu bem-estar mental. (FRANKL, 2011, 2015). “Tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda se deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria vir a ser.” (FRANKL, 2015, p.129). Ao desafiar a pessoa com um sentido em potencial a ser por ela realizado, a vontade de sentido é despertada do seu estado latente. A essa tensão, Frankl (2015) denominou de noodinâmica.

O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele necessita não é a descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento. O ser humano precisa não de homeostase, mas daquilo que chamo de “noodinâmica”, isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um polo está representado por um

sentido a ser realizado e o outro polo, pela pessoa que deve realizá-lo. (FRANKL, 2015, p.130).

Frankl (2015) afirmou que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida tem um sentido. Foi o que testemunhou nos campos de concentração. As pessoas que sabiam que havia uma tarefa esperando por elas tinham maiores chances de sobreviver. Logo, a sobrevivência dependia da capacidade de orientar a vida em direção a um “para quê” ou “para quem”, ou seja, a autotranscendência.

Portanto, o sentido pode ser encontrado, e na busca pelo sentido quem orienta a pessoa é a consciência, sendo esta um órgão de sentido que pode ser definida como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação. Ao que tudo indica, o que a consciência faz ao encontrar o sentido único numa situação específica é perceber uma *Gestalt*. Dessa forma, ela descobre configurações de sentido no real e também no possível, fundamentado na vontade de sentido (FRANKL, 2015b).

3.3.3 O SENTIDO DA VIDA

O fundamento da visão de mundo da Logoterapia é sua compreensão sobre o sentido da vida. Frankl (2011) argumenta que há um sentido para a vida, um sentido pelo qual o homem sempre esteve a buscar; e o homem tem a liberdade de comprometer-se ou não na realização desse sentido.

A logoterapia procura a conscientização do espiritual. Na sua especificação como análise existencial, pretende tornar o homem consciente do seu ser-responsável, este termo encontra-se como fundamento essencial da existência humana. Responsabilidade significa sempre responsabilidade diante de um sentido. O sentido da vida é um problema especificamente humano, quer se apresente expressamente ou não. À vista disso, pôr em questão o sentido da vida, não é expressão do que há de doentio no homem, mas, sim, expressão do que há de mais humano no homem (FRANKL, 2016).

Segundo Frankl (2005), a realidade se apresenta na forma de uma situação concreta e, cada situação de vida é irrepetível, logo, o sentido de uma dada situação é único. Os sentidos são objeto de descoberta pessoal. Devem ser procurados e encontrados por cada pessoa individualmente. Pode-se dizer que a descoberta de sentido acontece num processo de

percepção gestáltica, apresentando uma diferença: na percepção gestáltica, a figura é percebida contra um fundo, enquanto na descoberta de um sentido é percebida uma possibilidade unificada no contexto de uma situação real.

O ser humano encontra sentido em sua vida por três caminhos, são eles: valores de criação, valores de vivência e valores de atitude. O primeiro grupo diz respeito ao que o homem dá ao mundo, através da dedicação à criação de uma obra, de uma boa ação. O segundo se relaciona ao que o homem recebe do mundo, na experiência da bondade, da verdade, da beleza, na natureza e na cultura ou no amor a outro ser humano. Por fim, o terceiro remete à experiência mais nobre do sentido, se refere à atitude que se toma diante da vida, quando defrontado com um destino imutável. Por essa razão, a vida nunca cessa de abrigar um sentido, pois até mesmo uma pessoa que se encontra privada da possibilidade do trabalho ou do amor, pode escolher livremente erguer-se por sobre si mesma e crescer para além de si (FRANKL, 2011).

Ao conceber o conceito de valores de atitude, Frankl (2011) apresenta a terceira tríade de sua teoria, a “tríade trágica” da existência humana. Seus três elementos são: dor, culpa e morte. Como visto anteriormente, a primeira tríade se refere ao conjunto liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido da vida. O sentido da vida se compõe da segunda tríade: valores de criação, de experiência e de atitude. Assim, os valores de atitude se subdividem na terceira tríade. O logoterapeuta argumenta que a tríade trágica não faz da logoterapia uma abordagem pessimista da vida, pelo contrário, ela é uma abordagem otimista da vida “ao ensinar que não há nenhum aspecto negativo da existência humana que não possa ser transmutado em conquistas positivas, em tudo, a depender da atitude que se venha assumir”. (FRANKL, 2011, p.94).

No que diz respeito ao sofrimento, a atitude que se toma é relacionada a um destino. No caso da culpa, a postura assumida diz respeito a si mesmo. O destino refere-se a um curso que não pode ser mudado. Contudo, o homem pode mudar a si mesmo. É privilégio do homem e constituição da sua existência a capacidade de definir-se e redefinir-se. Ao falar do terceiro aspecto da tríade trágica, a morte, aborda-se a questão da transitoriedade da vida. Esta não tira o sentido da vida. Pelo contrário, relaciona-se com a responsabilidade, pois tudo depende de ter consciência das possibilidades transitórias. Cabe ao ser humano decidir diante destas possibilidades quais serão realizadas ou não. Em todo tempo a pessoa precisa fazer escolhas a respeito da sua existência. “O homem é responsável pelo que fizer, por quem amar

e por como sofrer. Uma vez que tenha realizado um valor, uma vez que tenha preenchido um sentido, ele o terá feito de uma vez por todas.” (FRANKL, 2011, p.96).

Frankl (2011, 2005) faz uma distinção entre duas dimensões: a dimensão do *homo sapiens* e a dimensão do *homo patiens*. O homem enquanto *homo sapiens* é o homem inteligente que possui os conhecimentos necessários, que sabe como obter sucesso. Ele movimenta-se entre a extremidade positiva do sucesso e a extremidade negativa do fracasso. Diferentemente, do que Frankl chama de *homo patiens*, o homem que sofre e sabe como sofrer, como transformar o seu sofrimento em um triunfo. O *homo patiens* move-se entre os pólos da realização e do desespero – realização, aqui, é entendida como realização de si através de um sentido; e desespero, o desespero devido à aparente falta de sentido para a própria vida. A partir disso, entende-se que dependendo da atitude que escolhe assumir, o ser humano é capaz de encontrar e realizar sentido mesmo numa situação desesperadora. Este fato só torna-se compreensível por meio da abordagem dimensional que reserva aos valores de atitude uma posição superior aos de criação e de vivência.

Portanto, o terceiro pilar, o sentido da vida, se relaciona a uma pessoa particular, envolta em uma situação específica; e difere de pessoa para pessoa, de dia para dia, e até de hora para hora. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento. A vida é sempre algo concreto, assim como as exigências que a vida faz a cada pessoa. O sentido do ser humano é sempre único e singular para cada um; e só pode ser descoberto no mundo, não dentro da pessoa humana ou de sua psique. Cada pessoa tem sua própria tarefa específica na vida, que está a exigir realização e precisa ser executada. De forma que a pessoa não pode ser substituída e a sua vida não pode ser repetida. (FRANKL, 2015).

Segundo Frankl, a pessoa não deve perguntar qual o sentido da sua vida, mas reconhecer que é ela que está sendo indagada, e à vida ela somente pode responder sendo responsável. “O ser humano é responsável por dar a resposta certa para as perguntas, encontrando o verdadeiro sentido de uma situação.” (FRANKL, 2011, p. 81).

4 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS DA LOGOTERAPIA PARA UMA INTERVENÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL

No capítulo anterior foram apresentadas a visão de homem e a visão de mundo da Logoterapia e Análise Existencial, que são os fundamentos de toda psicoterapia, e também fundamentos importantes para entender as contribuições desta abordagem para uma intervenção na clínica infantil. Mas antes de visualizar de fato uma intervenção deste tipo, torna-se imprescindível abordar algumas outras considerações acerca da prática da Logoterapia.

4.1 PSICOTERAPIA E RELAÇÃO TERAPÊUTICA

A Logoterapia e Análise Existencial parte da ideia de que o homem é em essência um ser espiritual. (FRANKL, 1978). Dessa forma, esta abordagem é considerada por Frankl como um complemento da psicoterapia. No sentido de que complementa também o homem da psicoterapia, apresentando a noção do homem total, do homem em todas as suas dimensões, incluindo a dimensão especificamente humana, a dimensão espiritual; também pelo fato de que questões existenciais como o sentido da vida e o vácuo existencial não eram consideradas por outras escolas (FRANKL, 1991). A percepção de um sentido na vida se constitui como principal fator de proteção ao ser humano. Frankl (2011) verifica, através de seus casos clínicos, que a demanda mais freqüente dos seus pacientes era uma sensação de vazio existencial, causada pela frustração da vontade de sentido.

Em virtude disto, a logoterapia é concebida como a psicoterapia a partir do noético/espiritual. Ao considerar o homem em sua totalidade, ela não vê um sofrimento psíquico como enraizado apenas no campo psíquico ou fisiológico, mas também no espiritual.

A psicoterapia, orientada pelo espiritual e transformada em análise existencial, só esgotará todas as possibilidades terapêuticas se conseguir ver, por detrás daquele que sofre psicicamente, aquele que luta espiritualmente, como um ser, disposto em um mundo de necessidades e possibilidades, na tensão entre ser e dever; lembremo-nos das palavras de Goethe, que poderiam funcionar muito bem como o melhor lema pensável para o nosso trabalho: ‘Se tomarmos os homens tal como eles são, então os tornaremos piores; mas, se os tomarmos como eles devem ser, então os transformaremos naquilo que eles podem ser’. (FRANKL, 2014, p.30-31).

Portanto, a atuação logoterapêutica deve aproximar-se, essencialmente, à pessoa e não simplesmente ao sintoma. Pois, é justamente o que a Logoterapia combate na

psicoterapia, a patologização, ressaltando que aquele que é doente não necessariamente está errado. (FRANKL, 2016). O logoterapeuta necessita buscar manifestações e ampliações do que há de saudável no homem, promovendo a abertura do ser para o mundo conscientizando-o de sua liberdade. Segundo Lukas (1989), a logoterapia tem como objetivo central reforçar e ampliar a parte saudável do homem para que esta possa influenciar a parte patológica.

Frankl (2016, 1991, 1978) institui a seguinte equação: $y=x+y$, sendo y o método de psicoterapia a escolher em cada caso e x e y o caráter único e irrepetível do paciente e do terapeuta. O método psicoterapêutico deve ser alterado de acordo com a individualidade do paciente e com o caráter do terapeuta. A psicoterapia deve ser modificada conforme a pessoa e de acordo com a situação. (FRANKL, 1978). Assim, há duas capacidades consideradas por Frankl (1991) como capacidades fundamentais do terapeuta, a individualização e a improvisação. A primeira diz respeito à habilidade do terapeuta em compreender a unicidade do paciente. A segunda refere-se à capacidade de criatividade do terapeuta, de modo a improvisar e inventar a si própria, de acordo com cada caso.

Frankl (2016, p.18) afirma: “psicoterapia é ambas as coisas: arte e técnica”. A atuação terapêutica se desenvolve numa esfera que se situa entre dois extremos, de um lado, o autêntico encontro existencial e de outro, os métodos e as técnicas. O método e a técnica indicados para cada caso dependem tanto do paciente quanto do terapeuta, pois nem todos os pacientes reagem da mesma maneira a cada método, nem todo terapeuta consegue manusear qualquer técnica. (FRANKL, 2016). Diante disso, observa-se que Frankl não rejeita a técnica, pelo contrário, considera que por mais importante que seja para a psicoterapia a relação humana entre terapeuta e paciente, a técnica não deve ser desprezada. Defendendo que o que desumaniza o paciente não é um método, mas o espírito com que o método é usado.

O que aqui está em causa não é uma técnica, mas sim e sempre aquele que manuseia a técnica, o espírito com que a técnica é manuseada. Assim, há de fato um espírito com base no qual certa técnica *psicoterápica* é manuseada de modo que despersonaliza os pacientes e que, por trás da doença, já não deixa ver a pessoa, limitando-se antes a ver, na *psyche*, meros mecanismos: o homem é *reificado* – transforma-se numa coisa – ou é *manipulado* a bel-prazer: passa a ser meio para um fim. (FRANKL, 2016, p.21).

Todavia, o que possui mais importância na terapia é o tipo de relação humana construída entre terapeuta e paciente, aquilo que Frankl (2011) chama de encontro pessoal e existencial.

Em vista disso, na relação terapêutica é essencial criar condições que acolham a pessoa numa atitude de respeito à sua dignidade e ao seu valor. Sendo possível alcançar a

profundidade do processo terapêutico e, conseqüentemente, as alturas do espírito humano. (AQUINO, 2013). Aquilo que Frankl denominou de encontro pessoal e existencial remete à palavra-princípio EU-TU estabelecida por Buber (2001), que fundamenta o mundo da relação. Segundo Buber, relação é reciprocidade. Conforme Aquino (2013) existe algo no encontro humano que transcende a técnica, e isso é captado pelo paciente. Lukas (1989, p.74) considera:

Quem conhece a fundo o ofício de terapeuta sabe o quanto se irradia do terapeuta para o paciente, e quanto essa irradiação serve para ativá-lo e pô-lo em marcha. O que se irradia do terapeuta é simplesmente aquilo que ele mesmo pensa, sente e percebe, a imagem que faz sobre a situação. E o que esta irradiação realiza é já, avaliando grosso modo, quase a metade de todo o processo da relação terapêutica.

Na relação entre o terapeuta e o paciente, deve evitar-se qualquer tipo de esquematização, padronização ou enfoque determinista do homem ou do transtorno psíquico. Por outro lado, deve ser evidenciado a singularidades das situações específicas e a conseqüente individualização das atitudes de respeito, compreensão e participação profunda nos problemas do paciente (FRANKL apud FIZZOTTI, 2005).

Frankl (2010a) relata um caso em que é acordado às três da manhã pelo telefone. A ligação era de uma mulher que dizia ter escolhido se suicidar, “eu digo a ela o que sempre existe para se falar contra o suicídio, e discutimos todos os prós e contras durante tanto tempo até que eu consigo que ela me prometa não fazer nada por enquanto e aparecer às nove da manhã no meu consultório”. (p.154). Ao comparecer na clínica disse a Frankl que não foram os seus argumentos que tiveram efeito sobre ela, mas, sim, “o fato de tirar um homem do seu sono, e em vez de ficar bravo e brigar comigo, ele me escuta pacientemente por mais de meia hora e depois conversamos. A partir daí cheguei à conclusão de que, se isso existe, então quer dizer que é preciso dar mais uma chance à vida, à continuação da vida”. (p.154). Esse relato refere-se a um exemplo onde uma relação humana foi estabelecida.

Uma prática fundamentada na logoterapia também precisa levar em consideração a definição de Frankl (2016) do homem como unidade na multiplicidade. Um logoterapeuta deve considerar o homem como ser único e singular, a sua individualidade e totalidade enquanto homem, sem desconsiderar a multiplicidade de dimensões em que ele se estende interiormente, nem a dimensão somática, nem a psíquica, nem a noética.

O logoterapeuta deve trazer o homem à consciência do seu ser-responsável. Como visto anteriormente, responsabilidade significa sempre responsabilidade perante um sentido. Logo, a logoterapia é uma orientação do homem para o sentido e os valores. Frankl (2016)

afirma estar convencido de que uma orientação de sentido é um meio de cura. Contudo, só o homem pode levar a questão do sentido e pôr em questão o sentido da sua existência. Não cabe ao terapeuta esse papel. Sua atuação não consiste em dar um sentido da existência ao paciente, mas torná-lo capaz de descobrir por si mesmo este sentido. Ao logoterapeuta cabe a função de ampliar o campo de visão do paciente de modo que ele perceba as possibilidades de sentido e os valores pessoais e concretos; assim como fortalecer a sua consciência da responsabilidade e da liberdade humana para posicionar-se perante a todo o fatalismo. Só assim será possível ajudar o paciente a decidir por si próprio pelo que, perante o quê ou perante quem considerará sua existência como responsável.

O sentido não se pode receitar. O médico não pode dar sentido à vida do paciente. Em última análise, o sentido não pode ser dado; tem que ser encontrado. E, na verdade, é o próprio paciente quem tem que o achar, por sua conta. Não é à logoterapia que compete decidir sobre o sentido e não-sentido, ou sobre o valor e não-valor. (FRANKL, 2016, p.143-144).

Lukas (1989) considera que o terapeuta deve mostrar ao paciente a possibilidade de conseguir impor-se sobre as coisas e até sobre si mesmo. Porém, isto só acontecerá se o paciente também souber enxergar as coisas e, também em si mesmo, um sentido a cumprir no mundo. Afirma que na relação terapeuta-paciente está presente um “terceiro sistema de referência”, sendo este sistema o mundo exterior.

Logo que se estabelece um relacionamento pessoal de confiança, a) o logoterapeuta dirige a atenção do paciente para valores de sua esfera vital; b) e logo que a situação de saúde do mesmo permite, acompanha-o mentalmente nesse rumo; c) isso refreia, desde o começo, toda “problemática de transferência” e facilita substancialmente ao paciente o desligamento da terapia. (LUKAS, 1989, p.81).

Outro ponto fundamental de uma atuação logoterapêutica diz respeito a que o seu representante seja “bem consciente da visão de homem por meio da qual ele aborda seus pacientes e que tenha, igualmente, conhecimento das implicações metaclínicas de sua prática”. (FRANKL, 2011, p.41). Lukas analisou:

Toda concepção de cura atua sobre a autocompreensão do homem, e isto em primeira linha através da autocompreensão do terapeuta: a sua concepção do homem e do mundo irradiam-se sobre a concepção do homem e do mundo do paciente – mas isto só quando não são apenas apresentadas verbalmente mas vividas ativamente. (LUKAS, 1992, p.288).

O trabalho do logoterapeuta se baseia em análises fenomenológicas, enquanto análise fenomenológica da experiência valorativa do homem simples, que demonstra que se pode encontrar sentido na vida por três caminhos: na dedicação à criação de uma obra ou na realização de uma boa ação; na experiência da bondade, da beleza, na natureza e na cultura ou

no amor a outro ser humano; e, por último, na atitude que se escolhe ter diante de uma situação limite. (FRANKL, 2011).

Segundo Fizzotti (2005), o terapeuta não deve ser somente um técnico hábil, um perfeito interpretador de testes, um preciso diagnosticador. Em primeiro lugar, deve ser um sábio, capaz de concentração e de empatia, aberto ao diálogo e disponível ao confronto, respeitoso quanto aos valores do paciente, defensor da liberdade e solidamente responsável.

Elisabeth Lukas, com o seu trabalho “Logoterapia Vivida” (1992) apresentou importantes contribuições para a compreensão da postura do terapeuta, o que denominou de *ética profissional do logoterapeuta*. Ao falar sobre uma “consciência do exemplo”, considera que os representantes da logoterapia devem viver a questão do sentido, dos valores, da responsabilidade e da liberdade espiritual em escolher tomar uma atitude mesmo diante de uma tragédia pessoal. Para a autora, a logoterapia não pode apenas ser ensinada teoricamente, ela precisa ser vivida na prática.

Através desse trabalho, compreende-se o que é indispensável aos representantes da Logoterapia. Há três conceitos fundamentais: auto-aceitação, autopreservação e auto-experiência. O primeiro está relacionado à modéstia nas exigências de êxito do terapeuta, o que significa que a este interessa o homem e não o êxito dos esforços em favor do homem.

Não adotamos a concepção mecanicista de que aquele que ajuda teria, na pessoa do que recebe sua ajuda, de fazer funcionar, reconstruir ou consertar uma máquina. E se ao final essa máquina continua sem funcionar corretamente, então isto deveria ser considerado um fracasso e ele teria que sentir-se decepcionado consigo próprio e com o seu saber. Todo homem é o seu próprio construtor! Aquele que lhe presta assistência profissional pode fornecer-lhe algumas partes sobressalentes, ou mesmo consertar alguma peça, mas o que o construtor irá fazer disto, para que fim ele o emprega, é da decisão e responsabilidade dele. [...] Não estamos nos eximindo da responsabilidade, não dizemos: “Isto não é meu problema, é problema dele”, quando se trata de outra pessoa, mas temos que dizer: ‘Até aqui vai a minha responsabilidade, e daí para a frente, meu caro, começa a sua’. (LUKAS, 1992, p. 292).

O segundo refere-se ao respeito para com o próximo. Todo aquele que se apóia sobre o fundamento antropológico da logoterapia sempre deve respeitar a liberdade e a responsabilidade espiritual do paciente. Por fim, o terceiro conceito diz respeito a que aquele que atua nesta abordagem assuma a decisão pelo sentido que sempre precisa ser realizada, mesmo quando dolorosa. Lukas (1992, p.299) afirma: “Quando, portanto, pensamos em auto-experiência, pensamos entre outras coisas naqueles raros e difíceis momentos da vida em que somos desafiados por um *logos* que em nossa imperfeição humana e em nossas limitações nos desagrada”.

Para concluir, é necessário destacar que a Logoterapia é considerada como um sistema aberto. Essa característica possui dois sentidos: é aberta à cooperação com outros métodos psicoterapêuticos e é aberta à sua própria evolução. (FRANKL, 2005, 2011).

4.2 TÉCNICAS ESPECÍFICAS DA LOGOTERAPIA

As técnicas fundadas na Logoterapia apresentam o objetivo de estimular os recursos antropológicos do autodistanciamento e da autotranscendência. A primeira está relacionada a técnica da intenção paradoxal e a segunda à derreflexão. (AQUINO et al., 2015). Neste tópico, apresentaremos brevemente estas duas técnicas e ainda o diálogo socrático.

4.2.1 INTENÇÃO PARADOXAL

Para entender a aplicação dessa técnica, considera-se como princípio a ansiedade antecipatória, a característica da intenção paradoxal consiste em causar exatamente o que se teme. Essa ansiedade é combatida através da intenção paradoxal. Logo, a técnica da intenção paradoxal é baseada no fato de que o medo causa aquilo de que se tem medo e de que a intenção excessiva torna incapaz aquilo que se deseja. Ela consiste “numa inversão da atitude do paciente, uma vez que seu temor é substituído por um desejo paradoxal. Através desse tratamento, tira-se o vento das velas da ansiedade”. (FRANKL, 2015, p.147). O logoterapeuta deve orientar o paciente a desejar muito aquilo que ele teme. Assim, estará utilizando o humor, característica da capacidade especificamente humana do autodistanciamento. (FRANKL, 2015).

A intenção paradoxal não é uma panacéia. Não obstante, é um instrumento útil no tratamento de condições obsessivo-compulsivas e fóbicas, especialmente em casos com ansiedade antecipatória subjacente. Além disso, é um dispositivo terapêutico a curto prazo; entretanto ninguém deveria concluir daí que semelhante terapia a curto prazo resulta necessariamente em efeitos terapêuticos apenas temporários. (FRANKL, 2015, p.150).

4.2.2 DERREFLEXÃO

A técnica da derreflexão se aplica aos casos de neurose sexual, que tem como característica a luta pelo prazer, essa luta conduz a uma hiperreflexão forçada sobre si mesmo. Esta hiperreflexão patogênica precisa de uma derreflexão. “Muitas vezes temos comprovado que, a fim de solucionar um sintoma, a única coisa necessária é a dissolução da atenção localizada centralmente no dito sintoma.” (FRANKL, 2015a, p.60). A hiperintenção, intenção forçada, impossibilita aquilo que se deseja muito, também podendo constituir-se como patogênica.

Portanto, a derreflexão opõe-se à hiperintenção assim como à hiper-reflexão. Essa técnica só é bem sucedida através de uma orientação do paciente para a sua missão na vida. (FRANKL, 2015). Ou seja, o paciente não deve concentra-se em si mesmo, mas visar a algo ou alguém que transcenda a si mesmo. Aqui encontra-se o princípio da autotranscendência.

4.2.3 DIÁLOGO SOCRÁTICO

Sendo a Logoterapia um tipo de análise existencial direcionada ao sentido da vida, utiliza-se uma postura dialógica para essa análise. O logoterapeuta, através do diálogo socrático, objetiva ampliar a percepção do paciente a fim de que ele possa descobrir possibilidades de sentido. O método em questão:

Previne o terapeuta da diretividade, ajudando apenas o paciente a desvelar o dever-ser que ele mesmo conhece através de sua consciência intuitiva, mas que ignora, pois a resposta sobre o sentido se encontra latente nas situações, e por isso, inconsciente. O logoterapeuta é um obstetra do espírito, enquanto os pacientes são parturientes do sentido. (AQUINO, 2013, p.81).

Segundo Aquino (2013), o método socrático constitui-se de dois momentos: a refutação e a maiêutica. O primeiro, diz respeito ao momento do diálogo em que se faz presente a incoerência e a contradição. O segundo acontece quando o paciente se torna consciente dos valores e do sentido.

4.3 CONSIDERAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DE ALGUNS LOGOTERAPEUTAS NA CLÍNICA INFANTIL

São incipientes as contribuições à clínica logoterápica com crianças, pois este se apresenta como um campo de ação novo. Contudo, é uma especialidade que vem sendo difundida e adquirindo importância no campo da psicologia clínica. Diante disso, serão apresentadas as referências encontradas do trabalho de terapeutas que têm atuado na clínica infantil a partir da abordagem da Logoterapia e Análise Existencial.

Destaca-se a psicóloga colombiana Clara Martínez Sánchez visto que foi a primeira a criar um modelo específico de intervenção na clínica logoterapêutica infantil. Mas também encontramos casos na clínica infantil de outros logoterapeutas – mesmo sendo poucos. É o que trataremos neste capítulo. A partir da teoria da Logoterapia e Análise Existencial, como podemos pensar uma intervenção na clínica infantil?

Segundo Sánchez (2009), não se encontra nenhuma proposta concreta sobre a intervenção clínica com crianças. Alguns autores dizem que a criança não está capacitada para encontrar sentido em razão da pouca idade e que a estrutura da sua personalidade a impede de ter clareza a respeito da sua liberdade e responsabilidade. Porém, segundo a autora, a prática clínica indica o contrário, é desde a infância que o homem orienta seu sentido e na companhia dos adultos a voz da sua consciência ou é assegurada ou extraviada.

Apesar da criança sofrer alguns dos determinismos encarnados em seus pais, familiares, cuidadores, professores e da própria cultura, a criança tem a capacidade de autodistanciar-se e possibilitar a semente frutífera da autotranscendência, transformando-se em um ser que assume a responsabilidade de realizar valores e exercer a liberdade para tomar posição diante de todos os condicionamentos. (SÁNCHEZ, 2009, p. 297-298, tradução nossa).

A autora defende que a clínica da Logoterapia se dirige a facilitar o processo de autoconsciência reflexiva, processo que permite a expressão do espiritual na criança, diminuindo os sintomas psicofísicos.

O logoterapeuta facilita a autoconsciência do bio-psico-espiritual da criança: o bios, o que foi transmitido com a herança; o psíquico (temperamento e caráter), que é conduzido mediante a educação, principalmente oferecida pelos pais e pela escola; e o espiritual que não foi transmitido e não pode ser ensinado, apenas existir. (SÁNCHEZ, 2009).

O modelo de intervenção proposto pela psicóloga é resultado da sua prática na clínica infantil, em atendimentos individuais com as crianças e no acompanhamento com as

famílias; e é uma grande contribuição para a psicoterapia infantil quanto a um modelo específico da Logoterapia. O modelo em questão é semidiretivo e sofreu influência dos fundamentos propostos por Virgínia Axline (apud SÁNCHEZ, 2009), são eles: aceitação da criança tal como ela é; a criança orienta o caminho; e o princípio dos limites, onde é fundamental que haja uma relação de respeito e tomada de consciência da responsabilidade da criança na relação.

Na Logoterapia é importante o encontro, o encontro autêntico, como colocado por Frankl. Esse encontro está aberto ao logos e permite aos participantes – terapeuta e paciente – transcenderem a si mesmo para o logos, promovendo a transcendência mútua; e, através do diálogo socrático incluído no jogo (chamado jogo socrático), o terapeuta facilita a descoberta do caminho para o sentido pela criança. O espaço terapêutico é construído conjuntamente por terapeuta e paciente, de modo que ambos sintam-se à vontade na descoberta do caminho para o sentido. (SÁNCHEZ, 2009).

Para Sánchez (2009), é necessário que o terapeuta que trabalha na clínica infantil considere dois aspectos importantes:

- a) a própria vivência da infância – é inevitável não recordar algumas vivências da sua própria infância e as experiências familiares relacionadas a esse momento. Então, é preciso identificar quais situações encontram-se abertas e necessitam ser elaboradas ou encerradas. O vínculo com a sua “criança interior” permite uma conexão com as crianças na clínica, tornando possível ver o mundo infantil diferentemente do mundo adulto; dentro deste aspecto encontram-se outras questões integradas, são elas:
 - a formação acadêmica e profissional – há implicações da formação acadêmica na visão antropológica do terapeuta. Esse aspecto é importante, pois a visão de criança que o próprio terapeuta possui irá influenciar na visão da criança, dos pais e da escola ou instituição;
 - as representações sociais e culturais – cada época, a partir do seu contexto histórico, político, cultural e social, constrói seu conceito de infância. A relação dos adultos com as crianças e a concepção daqueles em relação a estes passam por transformações ao longo dos anos. A tecnologia, os avanços científicos, as situações de risco, tendências educativas etc., fazem com que as representações sociais e culturais estejam sempre em transformação.

- b) o consultório - O espaço onde acontecerão os encontros com as crianças deve ser um lugar agradável, acolhedor e que estimule a criatividade; as próprias crianças podem ajudar com ideias, objetos e jogos necessários para o processo terapêutico. Também é importante ter no consultório elementos que convidem as crianças à expressão dos sentimentos relacionados à situação que estão enfrentando.

O processo terapêutico é dividido em quatro etapas: Encontros iniciais, Desenvolvimento, Encerramento e Encaminhamento (SÁNCHEZ, 2009).

Na primeira etapa, trabalha-se o motivo da consulta, o enquadre, o diagnóstico (através da técnica semáforos de vida) e os objetivos terapêuticos (faróis de sentido). Na primeira sessão, permite-se que a criança explore o lugar para que possa familiarizar-se com ele. É importante que ela observe, descubra os objetos e a dinâmica do consultório. O terapeuta deve deixá-la à vontade. Também é necessário informar a importância desse momento aos pais e pedir que eles prestem atenção no que for falado entre o terapeuta e o seu filho. É o momento que a criança começa a compreender ou falar o motivo de estar ali, bem como o objetivo da sua presença na psicoterapia, a fim de assumir o espaço terapêutico de forma responsável e comprometida. Não existe uma regra geral para a primeira sessão. É preferível que a criança esteja presente, uma vez que esse encontro demarca o motivo da consulta.

Os pais são um ponto importante que dão a confiança inicial e permitem que todos compreendamos a meta do processo terapêutico. No final desse primeiro encontro eu compartilho isso sozinha com a criança para escutar suas inquietudes e sentimentos e, especialmente, iniciar o vínculo particular que facilitará os sentidos dos encontros (SANCHEZ, 2009, p.303, tradução nossa).

Nesse momento, é importante serem escutadas as expectativas mútuas (do terapeuta e do paciente), bem como explicar para os pais e para a criança algumas informações essenciais para o bom desenvolvimento do processo terapêutico, como o que se faz e o que não se faz durante os encontros, a metodologia de trabalho e a orientação logoterapêutica, o tempo de cada sessão, os valores do tratamento.

Quanto ao diagnóstico, Sánchez considera uma das fases mais importantes do processo terapêutico. É essencial para o logoterapeuta de crianças conhecer e integrar as ferramentas diagnósticas (o DSM-IV e o CID-10, por exemplo) que existem e conduzi-las com base na visão antropológica de Frankl. No entanto, Sánchez alerta sobre a importância do uso cuidadoso dos manuais, pois assim como podem orientar o processo terapêutico, podem

também dificultá-lo, caindo no risco do reducionismo, ou seja, acabando por enquadrar a criança em uma doença.

Para alguns, as classificações das enfermidades mentais também classificam as pessoas, caindo no que chamo a ‘síndrome da classificação diagnóstica’ [...] não devemos cair nessas tendências que limitam desde o princípio as possibilidades e a amplitude da dimensão noética. Devemos identificar as restrições psicofísicas na criança, temos a possibilidade de identificar algumas delas, dependendo do caso. Às vezes, um diagnóstico ruim pode marcar negativamente a vida da criança. Muitos profissionais da saúde geram iatrogenia e existem casos onde a família e a criança tem integrado o diagnóstico como parte da personalidade sem ser. (SÁNCHEZ, 2009, p. 305, tradução nossa).

O processo do psicodiagnóstico tem como objetivo identificar as restrições psicofísicas, as expressões dos recursos noéticos (autodistanciamento e autotranscendência) e a capacidade de resistência do espírito. Estas ações são realizadas através de entrevistas individuais com a criança, a família e, se necessário, alguns professores da escola. O processo deve ser acompanhado com provas e testes psicológicos. Os resultados dos testes podem ser feitos na forma de “Semáforos de Vida”.

O que Sánchez denominou de “Semáforos de Vida” caracteriza-se pela representação de um semáforo no momento de devolução dos resultados, na companhia da criança e dos seus pais. As cores do semáforo funcionam como categorias: o vermelho representa os indicadores que estão dentro do alcance de risco, ou seja, o que deve ser detido nesse comportamento para compreender o que está acontecendo com a criança e o que deve ser realizado; o amarelo – representando o ponto médio – significa que o alcance de risco é médio e que ainda não há dificuldades presentes no processo, porém, deve-se ficar em alerta, uma vez que, pode diminuir ou aumentar de acordo com as decisões tomadas e as circunstâncias vivenciadas durante o tratamento; o verde, quer dizer que o alcance de risco encontra-se dentro do esperado, que o tratamento pode seguir da mesma maneira, de modo a fortalecer este recurso, por ser uma capacidade, habilidade ou competência pessoal. Durante este momento, a criança pode ir pintando seu próprio semáforo e escrevendo o que compreende dessa descrição ou pode ir destacando com as cores do semáforo o que está sendo dito. Este procedimento contribui para: orientar as áreas que precisam ser trabalhadas, a fim de fortalecê-las, reduzi-las ou ampliar suas expressões; possibilitar autodistanciamento, ver a si mesmo na situação, dar-se conta de ações, emoções, pensamentos, relações e valores; identificar as situações emocionais, cognitivas, físicas, sociais e familiares que estão impedindo a manifestação do espiritual na criança; e facilitar a identificação de recursos

personais para enfrentar as situações e circunstâncias da vida de uma maneira diferente (poder de resistência do espírito) (SÁNCHEZ, 2009).

Outro ponto a ser trabalhado na primeira etapa, são os objetivos terapêuticos, que se constroem juntamente com os pais e a criança durante as entrevistas, com o auxílio dos semáforos de vida. A realização destes objetivos acontece através da técnica “Farol de sentido”.

Esta técnica foi criada por Sánchez e merece destaque. Consiste em uma representação gráfica de percepção do sentido da criança que representa a perspectiva de sua mudança pessoal. O farol se constitui no princípio ou meta que guiará a ação nos aspectos que sejam necessários orientar sua vida no decorrer do processo terapêutico. O farol e sua representação simbólica permitem uma perspectiva, uma intenção e uma direção do sentido da mudança. Na prática, se pergunta a criança se ela sabe o que significa um farol. Então, é proposto que ela pinte o seu próprio farol. O farol representa o que a criança se dispõe ao iniciar a psicoterapia, o que deseja trabalhar para tornar-se o que quer ser. Dessa forma, a criança pinta o seu farol, escreve as propostas atrás da folha, ao final busca a palavra orientadora que vai à luz do farol. Esta palavra orientadora constitui-se em um objeto intencional da consciência: valor e sentido; é a palavra orientadora que possibilita a ação².

Na etapa do Desenvolvimento são trabalhadas as técnicas e os métodos de intervenção; as tarefas existenciais; a ludoterapia (jogo socrático); e os encontros integrais entre família, colégio e terapeutas. A etapa do Encerramento é denominada por Sánchez de “O encontro com o meu farol de sentido”. E por fim, a etapa final é a etapa do encaminhamento.

A psicoterapia infantil centrada no sentido orientada a partir da logoterapia possui objetivos gerais que atravessam o processo de intervenção clínica e que se desenvolvem independentemente dos objetivos específicos de cada caso particular. Os objetivos gerais que atravessam o processo de intervenção na clínica infantil são facilitar o processo de autoconsciência na criança; fazer consciente o inconsciente espiritual; revalorizar a pessoa. A facilitação do processo de consciência na criança acontece por meio do acompanhamento da mesma no encontro com a consciência autorreflexiva, esta é a consciência do saber sobre si mesmo (SÁNCHEZ, 2009).

² Minicurso ministrado por Clara Martínéz Sánchez no Instituto Geist em 22 de outubro de 2016.

Em Lukas (2005) encontramos o exemplo de um caso com uma criança que foi atendida por ela juntamente com Doris Hüniger, sua colaboradora e pedagoga de crianças. Segundo Lukas, a pedagoga citada sabia aplicar com grande habilidade os princípios da logoterapia. A partir do caso, Lukas afirma ser possível perceber como um sofrimento pode se transformar em fonte de força, mesmo no caso de crianças pequenas.

Em resumo, o caso se tratava de uma menina de seis anos, que presenciou uma briga entre os pais, o pai estava bêbado e chegou a agredir a mãe. Depois do incidente, foi registrada a queixa contra o pai que, a seguir, saiu de casa. A criança começou a manifestar alguns indícios de dano psíquico como sobressaltos noturnos e medo de ficar só.

Os atendimentos aconteceram da seguinte maneira: a pedagoga acolheu a criança em sessões semanais de terapia individual, e, de início, simplesmente deixou que ela brincasse. Durante as brincadeiras, vieram à tona cenas de fantasia da experiência com o pai. De acordo com Lukas, misturavam-se aí elementos conscientes e inconscientes da vida psíquica da menina, que evidentemente sabia do ocorrido, mas não conseguia elaborar.

Em seguida, a pedagoga lhe propôs interpretações que tinham grande chance de conciliarem com as mensagens da consciência. Por exemplo, explicou “que quando atacou o ursinho, o crocodilo talvez nem quisesse lhe fazer mal, ou mesmo que ele podia ter mordido com mais força do que pretendia. Ou imaginou que o próprio crocodilo podia estar doente e que, de tanta dor, ele estava como um louco, mordendo tudo quanto encontrava. Mas, acrescentou – estabelecendo com isso um grande valor das relações interpessoais – que, se o ursinho perdoasse ao crocodilo, suas feridas iriam sair mais depressa, e ele poderia voltar a brincar e dançar e sorrir como antes, de que tinham gostado muito um do outro e conservaria a lembrança do crocodilo assim como ele era: “mau, mas também bom” (LUKAS, 2005, p.102).

Depois de algumas semanas de tratamento, as cenas traumáticas da criança deixaram de manifestar-se, e ela passou a brincar de outras coisas, bem como as angústias domésticas se reduziram a um nível tolerável. Do ponto de vista da pedagoga não havia mais necessidade de aprofundar o acontecimento, e em conjunto com Lukas, decidiram encerrar a terapia com um breve treinamento de autonomia com a menina. Por fim, na última sessão de aconselhamento, a mãe da menina contou à terapeuta que na aula de ginástica infantil de um curso frequentado por sua filha, ocorrera um acidente com uma menina - que também fazia o curso – em que ela machucou o nariz e este sangrou muito. Diante do acontecido, a criança da terapia, manteve a

calma, tanto na sala de ginástica como em casa. Só à noite, antes de dormir, a menina abraçou a mãe e falou ao seu ouvido: “hein, mamãe, papai te feriu feio no nariz... mas comigo ele sempre foi muito bonzinho”. E em seguida adormeceu. A partir desta situação, Lukas (2005) concluiu que a criança conseguiu relativizar e aceitar seus traumas.

De acordo com Kroeff (2014), Viktor Frankl apresenta somente casos de pessoas adultas, mencionando formas de atuar mais adequadas a esta faixa etária e as temáticas do vazio existencial. Mas existem alguns terapeutas, como Lukas (apud KROEFF, 2014) e Riveros de Carbone (apud KROEFF, 2014) que relatam adaptações da Logoterapia para o trabalho com crianças. No caso “Logoterapia e superação de evento traumático em uma criança”, Paulo Kroeff (2014), teve como base estas adaptações. Segue-se o relato do caso.

A atuação terapêutica teve como fundamento uma frase de Frankl: “uma intervenção logoterápica [...] visa superar o sentimento de falta de sentido pondo em ação processos de busca”. (FRANKL, 1976, p.8 apud KROEFF, 2014, p.). Porém, não havia uma falta de sentido a ser superada. O que havia era um bloqueio, um obstáculo impedindo a continuidade da realização de seus valores criativos e vivenciais. Então, era necessário encontrar meios de superar este obstáculo pondo em ação processos de busca. (KROEFF, 2014).

Antes de colocar o paciente em *processo de busca*, foi preciso motivá-lo a isto, eliminando a sensação de impotência na qual se encontrava. O medo que sentia o paciente foi esmiuçado e materializado, de modo a ser melhor trabalhado. Conversou-se detalhadamente sobre o que tinha acontecido – o evento traumático, de forma a conhecer melhor com o que se estava lidando e os significados que lhe estavam sendo atribuídos. Um benefício deste procedimento foi o de se começar a operar um autodistanciamento do evento traumático.

A realização deste caso baseou-se no esquema proposto por Elisabeth Lukas para aplicar a Logoterapia, o qual é dividido em quatro fases:

Primeira fase: Despertar e fomentar a capacidade de autodistanciamento; Segunda fase: Mudança de atitude (passagem de uma atitude psico-higienicamente enfermiça para uma atitude sã); Terceira fase: Redução dos sintomas e sustentação de uma nova estabilidade; Quarta fase: Ampliação geral da orientação de sentido mediante a sensibilização para novas possibilidades de sentido. (Lukas, s/d, p.138 apud KROEFF, 2014).

Então, foram apresentados alguns casos de intervenção logoterapêutica com crianças. Mas, torna-se imprescindível acrescentar algumas considerações de Frankl sobre a infância. Apesar de somente ter apresentado casos de adultos, mencionando formas de atuar mais

adequadas a esta faixa etária e as temáticas do vazio existencial, é possível encontrar alguns indícios que levam à constatação de que o fundador da logoterapia não negligenciava a infância em sua teoria.

Algumas pesquisas conseguiram provar que a descoberta e a realização de sentido não dependem de idade, grau de instrução, gênero ou religião. (FRANKL, 1991). Frankl (2011) defende que nos primeiros estágios do desenvolvimento pode não haver um vestígio da vontade de sentido, mas que a vida é uma *gestalt* do tempo, e só tende a formar um todo compreensível quando seu curso estiver completo. Portanto, um fenômeno pode ser constitutivo do ser humano e revelar-se somente num estágio futuro do desenvolvimento.

Também encontramos em Frankl (1978) o argumento de que no momento da procriação, e logo, antes do parto, está presente uma pessoa. Porém, a pessoa espiritual não provém dos cromossomos, pois ela é essencialmente indivisível e inadicionável, não podendo proceder do divisível e do adicionável. Portanto, o filho é concebido do pai de modo fisiológico, mas não espiritual. O espírito não é hereditário, ele precisa ser realizado. Nós, então, nos tornamos homem. “A existência pessoal, como espiritual que é, não se pode gerar, mas apenas possibilitar.” (FRANKL, 1978, p.131). O homem não é determinado, a sua vida é por ele realizada, é a sua própria obra. (FRANKL, 1978).

Diante do exposto, consideramos que ao falar da unidade e totalidade do homem, Frankl o aborda desde a sua concepção, o homem em todas as suas idades. De acordo com ele, o espiritual já está presente na criança, mas está envolvido pelas camadas do psicofísico, e fica então à espera do momento em que possa romper essas camadas e manifestar-se.

Quem, tendo passado pela experiência de educar uma criança, não viu chegar o momento em que a pessoa espiritual se anuncia pela primeira vez? Quem, num caso desses, não se sentiu emocionado ao contemplar o primeiro sorriso da criança? O instante em que algo relampeja, algo que parece ter esperado sempre por esse minuto verdadeiramente luminoso, no qual algo brilha, exatamente por um momento, talvez somente por uma fração de segundo para logo desaparecer, recuando para trás do organismo psicofísico – de novo oculto, aparentemente mero autômato, que dá a impressão de ser apenas um aparelho controlado por reflexos condicionados e incondicionados. (FRANKL, 1978, p.130).

A pessoa espiritual, então se anuncia. Essa pessoa que estava à espera para sorrir através do organismo, e assim, transformar, o organismo no seu campo de expressão.

Em virtude do que foi apresentado neste capítulo, pode-se perceber que alguns logoterapeutas já realizam atendimentos com crianças e até demonstram propostas específicas acerca da clínica infantil. Seguindo os fundamentos da teoria em questão e a partir dos autores

citados acima podemos vislumbrar a intervenção na clínica infantil a partir da Logoterapia e Análise Existencial, possibilitando melhor compreensão da mesma a partir dos trabalhos realizados por alguns logoterapeutas e pelas considerações do próprio Frankl acerca da infância.

5 OBJETIVOS

5.1. Geral: Analisar as possíveis contribuições teóricas e práticas da Logoterapia e Análise Existencial para a intervenção na clínica infantil.

5.2. Específicos:

Apresentar algumas teorias acerca do desenvolvimento infantil para a contextualização da clínica infantil;

Identificar as contribuições teóricas da Logoterapia e Análise Existencial para a compreensão da infância;

Identificar os recursos técnicos utilizados na clínica infantil;

Compreender como a Logoterapia e Análise Existencial orienta a criança quanto à sua questão central: despertar a consciência para a realização de sentido.

6 METODOLOGIA E MÉTODO

“Entendemos por metodologia o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade.” (MINAYO, 2004, p. 22)

Conforme Martins e Bicudo (2005) a pesquisa quantitativa lida com fatos e a qualitativa, com fenômenos. Sendo que fenômeno significa “aquilo que se mostra em si mesmo, o manifesto”. Por isso a escolha pela pesquisa qualitativa no presente trabalho. (MARTINS; BICUDO, 2005).

Tendo como referência a pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de aproximação com aquilo que se deseja conhecer e estudar, e também como possibilidade de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo (MINAYO, 2002). O campo de pesquisa é concebido como “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação.” (MINAYO, 1992 apud NETO, 2002, p.53).

A presente pesquisa, considerando as definições de Gil (2010), se constituirá num estudo de campo, e, por conseguinte, exploratória, tendo como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito, no entanto, seu objetivo principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. O planejamento deste tipo de pesquisa é bastante flexível possibilitando a consideração de diferentes aspectos relacionados ao fato estudado. Na maioria dos casos envolve: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

6.1 AMOSTRA

Participaram da pesquisa as duas e únicas psicólogas logoterapeutas que atuam na clínica infantil, até o momento da pesquisa, em São Luis, Maranhão – informação de acordo com o Instituto Geist e logoterapeutas de referência do Maranhão.

6.2 LOCAL DE PESQUISA

As entrevistas aconteceram nos consultórios das psicólogas, por opção das mesmas.

6.3 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) e um gravador no aparelho celular. Ao utilizar a entrevista pode-se interrogar o mundo a partir das ideias que as pessoas têm sobre ele, trata-se de uma perspectiva de segunda ordem, “o que a pessoa x pensa a respeito do fenômeno y.” (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 24). Esse foi o modo empregado nesta pesquisa.

A entrevista aqui foi entendida “como uma conversa a dois com propósitos bem definidos” (NETO, 2002, p.57) a fim de obter dados subjetivos como valores, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados. Ela é considerada como um recurso metodológico e não como um método, no sentido de que não é seguida a rigidez e as regras obrigatoriamente. (MARTINS; BICUDO, 2005). Por esta razão, optou-se por utilizar a entrevista semiestruturada, que permite perguntas previamente formuladas, mas deixa o informante a vontade para explorar o tema proposto e o pesquisador também não precisa seguir rigorosamente o roteiro, caso surja algo a ser perguntado no momento da entrevista ele é livre para assim proceder. (NETO, 2002).

6.4 PROCEDIMENTOS GERAIS

Inicialmente, com o intuito de realizar a pesquisa, a partir do conhecimento de duas psicólogas em São Luís que trabalhavam na clínica infantil a partir da Logoterapia e Análise Existencial, a pesquisadora entrou em contato com as mesmas para saber se estariam disponíveis e aceitariam participar da pesquisa, ao obter uma resposta positiva, houve a marcação de um encontro para realização das entrevistas individualmente.

As entrevistas foram realizadas de maneira individual com cada psicóloga de acordo com a disponibilidade de horário das mesmas. Nos encontros, foi explicada a finalidade da

entrevista e a pesquisa que seria feita, bem como a participação livre e não obrigatória na mesma. Foram colhidas as assinaturas das participantes para os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). As duas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Então, iniciou-se a análise e discussão dos dados coletados e a construção deste texto monográfico.

6.5 REFERENCIAL DE ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados desta pesquisa foi utilizada a modalidade L, assim denominada por Martins e Bicudo (2005) a qual entende os dados obtidos na pesquisa como relatos verbais passíveis de representação e categorização, devendo-se “sistematizar as descrições dos dados verbais de forma a torná-las comparáveis”. (p. 31). Segundo os autores: “o que torna o sistema de representações relevante é o material, constituído por informações, razoavelmente extenso e a preocupação de descrever as partes específicas do material e as respectivas combinações”. (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 35).

A palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada a ideia de classe ou série. As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa. (MARTINS; BICUDO, 2005).

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As transcrições das entrevistas com as psicólogas foram lidas e relidas diversas vezes, analisadas e então categorizadas de acordo com as perguntas elaboradas para a entrevista, de modo a responder aos questionamentos feitos durante o trabalho e a alcançar os objetivos propostos. Primou-se por levar sempre em consideração o contexto das falas das participantes, dando-se fundamental importância a compreensão da pesquisadora para que, apesar de se trabalhar com trechos das entrevistas na discussão e resultados, não atribuisse interpretações equivocadas às falas soltas, considerando todas as respostas em sua forma mais ampla. As categorias de respostas encontradas são comparadas e discutidas com base na literatura aqui apresentada.

7.1 PERFIL DAS PARTICIPANTES

As entrevistadas apresentam idades entre 32 e 39 anos. O tempo de formação é de 8 e 16 anos. O local de formação de ambas as psicólogas é a UFMA. A primeira psicóloga trabalha com a Logoterapia infantil desde 2002 e desde a graduação já havia escolhido trabalhar com a visão de homem da Logoterapia. Já a segunda começou a atuar nesta abordagem após a graduação, pois durante o seu curso, não conheceu essa teoria, após 6 anos de formada, conseguiu fazer a formação de Logoterapia e atuar como logoterapeuta.

7.2 CLÍNICA INFANTIL NA ABORDAGEM DA LOGOTERAPIA

“Desde quando você trabalha com a Logoterapia infantil?” Esta foi a primeira pergunta feita às entrevistadas. Segundo a Psicóloga B, ela não se intitula logoterapeuta infantil: “Bem, eu fiz a formação em Logoterapia e Análise Existencial [...] só que nessa formação não teve nenhuma disciplina, ensinamento de técnica mais específicos para a área infantil [...] Então, eu nem me intitulo como uma logoterapeuta infantil nesse sentido”. Diferentemente da Psicóloga A, que respondeu trabalhar com a Logoterapia infantil desde 2002.

Nos estudos de Frankl, nos estudos propriamente dele, nós não temos intervenções, técnicas exclusivas para a psicoterapia infantil, nós não temos a nível de literatura. O que nós temos são autores que fazem adaptações sobretudo a partir da visão de homem de Viktor Frankl, a Lukas, a Clara Sánchez, a Riveros de Carbones, elas fazem algumas adaptações. Nesse sentido, é o que ainda estou estudando. Então, quando alguém me pergunta eu ainda não me intitulo uma... embora eu atenda criança, eu uso a Ludoterapia, eu uso as técnicas da Ludoterapia, mas a minha visão de homem é a Logoterapia [...] O intitular é porque às vezes é um pouco perigoso, você dizer 'eu to fazendo logoterapia infantil' quando você não fez uma formação que te desse uma base no sentido de técnicas mais específicas. Então, eu sinto falta um pouco disso. (Psicóloga B).

Foi possível perceber a diferença na fala das psicólogas entrevistadas, a psicóloga A responde com segurança que trabalha com a Logoterapia infantil desde 2002. Enquanto a psicóloga B responde não se intitular como logoterapeuta infantil. Diante disso, é importante a reflexão de que na teoria de Frankl, o fundador da Logoterapia e Análise Existencial, não há referências de intervenções ou técnicas com crianças. Mas, segundo o pai da Logoterapia, ela é considerada como um sistema aberto. Essa característica possui dois sentidos: é aberta à cooperação com outros métodos psicoterapêuticos e é aberta à sua própria evolução. (FRANKL, 2005, 2011). De acordo com o próprio Frankl (2011, p.196-197):

Mas o fato de eu ser o pai – ou, dito de outra forma mais simples -, o fundador da logoterapia, não significa mais do que ter lançado seu fundamento; ora, um fundamento não simboliza mais do que um convite para que outros deem seguimento à construção do prédio sobre esse fundamento. A leitura e releitura de meus livros os poupa de começar tudo de novo, dando-lhes tempo e oportunidade para que participem do desenvolvimento posterior da logoterapia.

Deste modo, existem logoterapeutas que vêm trabalhando nesta área do infantil e dando suas contribuições, como foi citado na fala acima da Psicóloga B, bem como descrito ao longo deste trabalho. É compreensível o sentimento desta psicóloga em não se intitular como logoterapeuta infantil por falta de uma especificidade na sua formação. Porém, o que compreendemos a partir deste trabalho e de tudo o que foi estudado sobre a teoria em questão é que, ao trabalhar com a abordagem da Logoterapia e ter esse embasamento teórico é possível sim, ser um logoterapeuta infantil. Esta pesquisa também visa contribuir nessa questão, de que os estudos na área da logoterapia infantil sejam ampliados e que possa haver uma maior atuação nesta área, bem como a disseminação do conhecimento acerca desta prática. Portanto, mesmo a psicóloga não se denominando – ou poderíamos dizer se reconhecendo como - uma logoterapeuta infantil, ela trabalha com crianças e a sua visão de mundo é a da Logoterapia e Análise Existencial, ou seja a sua intervenção é feita a partir deste referencial.

Outra questão é que esta abordagem psicológica permite o uso de técnicas variadas, logo, fazer uso da técnica da Ludoterapia em uma intervenção infantil é apropriar-se do legado de Frankl. Como foi apresentado também que a psicóloga Clara Sánchez criou uma técnica específica para o atendimento infantil denominada farol de sentido. Conclui-se que é importante e necessário sim, ter um embasamento na formação em Logoterapia sobre uma intervenção infantil, porém, a falta de uma matéria nesse sentido não exclui o intitular-se logoterapeuta infantil.

7.2.1 INTERVENÇÃO LOGOTERAPÊUTICA COM CRIANÇAS

“A Logoterapia permite uma liberdade muito grande do terapeuta em relação a ele desenvolver um estilo próprio de atendimento.” (Psicóloga A).

Eu percebo que há uma variação muito grande em relação a como acontece o atendimento de acordo com aquela situação específica e aquela pessoa específica que chega com aquela demanda específica também [...] é difícil responder de uma forma genérica como acontece o atendimento. No geral, o que seria algumas coisas comuns, que sempre acontecem: a necessidade do uso de uma entrevista inicial, no caso do atendimento infantil, essa entrevista é a anamnese. Mas até a forma de aplicar a entrevista é variável também. (Psicóloga A).

Como eu te falei, eu não tive uma formação específica em logoterapia infantil, então eu não tive esse conhecimento de técnicas... mas eu acredito que uma intervenção na logoterapia, ela é uma intervenção que tem como objetivo, que visa superar o sentimento de falta de sentido. Eu acho que ela tem que buscar isso, pondo o sujeito em um processo de busca. Nesse sentido, é importante refletir o quê em termo de sentido, de processo de busca está ocorrendo com o indivíduo. Como é que estão os seus valores, como é que eles estão organizados. (Psicóloga B).

Na intervenção, seria no sentido de auxiliar meios de superar esses obstáculos que tão interpondo a pessoa a realizar sentido, a realizar esses valores, conforme recomenda Frankl [...] Eu acho que independente de ser infantil ou não, isso tem que estar presente. (Psicóloga B).

“O esquema da Lukas é algo bem didático, algo que me guia bastante na intervenção.” (Psicóloga B).

As falas das psicólogas entrevistadas corroboram com a literatura estudada. Inclusive com os autores que vêm realizando o trabalho com a Logoterapia na área da clínica infantil. A psicóloga A fala sobre a postura de abertura do terapeuta que a Logoterapia permite, sobre os recursos e o plano terapêutico variar conforme cada caso. Frankl (2016) considera que o método e a técnica indicados para cada caso depende tanto do paciente quanto do terapeuta, pois nem todos os pacientes reagem da mesma maneira a cada método, nem todo terapeuta

consegue manusear qualquer técnica. E que a relação terapêutica se constitui entre o caráter único e irrepetível tanto do paciente quanto do terapeuta.

A psicóloga B evidencia o objetivo de uma intervenção logoterapêutica, referindo-se a colocar o paciente em um processo de busca, corroborando com Kroeff (2014). E refere-se ao esquema de Elisabeth Lukas, citado também por Kroeff na intervenção do seu caso - como apresentado no capítulo “Contribuições da Logoterapia para uma intervenção na clínica infantil” - que orienta a muitos numa intervenção logoterápica.

7.2.2 ORIENTAÇÃO QUANTO AO SENTIDO DA VIDA

Uma das perguntas feitas para as psicólogas foi se é possível orientar a criança quanto ao sentido da vida. As duas responderam afirmativamente, ou seja, é possível orientar à criança quanto ao sentido da vida. A importância da pergunta foi por existir divergências entre autores, como citado por Sánchez, por defenderem não poder trabalhar a Logoterapia com crianças pelo fato das mesmas não terem consciência do sentido da vida. Percebendo-se a importância de desenvolver essa questão e analisar como trabalhar a ampliação da consciência da criança para o sentido da vida.

Contudo, Frankl (2011), ao falar da vontade de sentido afirma que um fenômeno pode ser constitutivo do ser humano, mas revelar-se apenas num estágio posterior, o que não exclui o fato de que ele exista. Defende também que a pessoa é *biopsicoespiritual* desde a concepção até a morte.

No trabalho com crianças assim como com adultos, o nosso trabalho voltado para a questão do sentido é muito na perspectiva de ajudar o nosso paciente, seja criança, seja adulto, a ampliar o campo perceptivo em relação as diversas situações, possibilidades que a vida traz de realização de sentido. (Psicóloga A).

Frankl (2015) faz uma analogia do papel do terapeuta como o de um oculista. No sentido de que o oftalmologista capacita o paciente a enxergar o mundo como ele é na realidade. Assim, o logoterapeuta deve ampliar o campo perceptivo do paciente de modo que todas as possibilidades de realização de sentido tornem-se conscientes para ele.

“A criança assim como o adulto, ela tem capacidade de intuir o sentido, de identificar quando uma situação de fato tem valor, tem um significado importante, e isso a gente faz de diversas formas” (Psicóloga A).

O adulto tem mais facilidade de elaborar algumas coisas de uma forma falada. É algo que às vezes, não é sempre, mas às vezes a criança já tem mais dificuldade. A gente também tem muita variação em relação a isso. Tem criança que se expressa muito bem desde uma idade bem precoce até aquelas que tem mais dificuldade de falar das coisas que estão pensando, que estão sentindo, que percebem, que concepção que elas têm da vida, do mundo, delas mesmas. (Psicóloga A).

Esse foi um ponto importante citado pela Psicóloga A: a diferença entre o adulto e a criança. Existe sim essa diferença, como bem elucidado por ela. Porém, isso não impede a orientação quanto ao sentido da vida à criança. Em Frankl (1991) encontramos que algumas pesquisas conseguiram provar que a descoberta e a realização do sentido não dependem de idade, grau de instrução, gênero ou religião.

Apesar de algumas crianças não saberem expressar-se bem verbalmente há outros meios de se expressarem, esses meios podem ser diversos recursos utilizados pelo logoterapeuta – eles serão exemplificados no tópico a seguir -, como citado pela Psicóloga A: “com criança a gente termina variando muito mais em relação às diversas linguagens que a gente lança mão para estabelecer essa comunicação e uma interação terapeuta-paciente”. Este comentário corrobora com o que Frankl (1978) estabelece acerca do método psicoterapêutico. Este deve ser alterado de acordo com a individualidade do paciente e com o caráter do terapeuta. A psicoterapia deve ser modificada conforme a pessoa e de acordo com a situação. Sendo, portanto, aplicável ao trabalho com crianças, considerando ser uma fase do desenvolvimento com características específicas, com linguagem diferenciada, que precisa da habilidade do terapeuta quanto à utilização de recursos a fim de possibilitar o estabelecimento de uma relação terapêutica. (FRANKL, 1978).

A psicóloga B afirma: “Sim. [...] eu acho que é possível sim trabalhar”.

7.2.3 TÉCNICAS E RECURSOS UTILIZADOS

“Quando a criança chega pra mim, e eu uso a ludoterapia, que eu tô aplicando a técnica específica da ludo, eu não perco a minha visão de homem da logoterapia” (Psicóloga B).

A logoterapia ela me ajuda nesse sentido. Essa visão de homem me ajuda fundamentalmente nesse processo de intervenção. Embora eu esteja usando a ludo, que é uma outra técnica, que usa a questão do brincar, mas a minha visão de homem, ela permanece. (Psicóloga B).

A psicóloga B está sempre fazendo essa ressalva de que a sua visão de homem é a Logoterapia, embora ela use a técnica da Ludoterapia. Já foi discutido que a logoterapia permite isso, então, ao utilizar uma técnica que não é propriamente desta abordagem não quer dizer que ela não esteja atuando como uma logoterapeuta infantil. “Quanto à logoterapia, eu mesmo sou um que sempre tenho ensinado que ela não é uma panaceia, e por isso é aberta à cooperação com outros métodos psicoterapêuticos e é aberta à sua própria evolução.” (FRANKL, 2005, p. 14-15).

A psicóloga A disse não usar um plano muito estruturado, mas realizar o exercício de avaliar o que está aparecendo no atendimento, o que precisa ser trabalhado. Não é que não seja feito um planejamento, é feito, mas com flexibilidade, respeitando o movimento da própria criança.

Às vezes eu planejava uma coisa e na hora eu sentia que não era o momento de vir com aquilo e terminava utilizando outro recurso diferente ou a própria criança criava uma situação diferente da que eu esperava com aquele recurso e gerava uma outra coisa, também acontece isso. (Psicóloga A).

Sempre eu trabalhei com muita flexibilidade de sentir realmente qual é o sentido do momento, daquela sessão, do que a situação estava pedindo também. [...] é um exercício constante de afinação da consciência do próprio terapeuta em relação a captar o sentido do momento. (Psicóloga A).

Sobre os recursos utilizados, a psicóloga A destacou o diálogo através do jogo, denominado por Sánchez de “jogo socrático”, bem como,

brinquedos diversos, [...] fantoches, desenho, colagem, atividades mais criativas, de construção, de utilização de blocos de madeiras pra construir cidades, casas, e a criança retrata muita coisa nesse jogo também sobre suas vivências, sobre suas concepções, sobre seus valores [...] os testes psicológicos também são úteis para ajudar a avaliar alguns aspectos, e algumas vezes também a utilização do próprio teste como um recurso terapêutico pra favorecer uma troca, um diálogo a partir do que é avaliado ali, já virar uma situação de intervenção[...] música, filme no próprio computador, tablet; já teve situações em que eu utilizei também criação de historinhas por meio de recurso tecnológico pra criança retratar alguma situação criando uma história; historinhas em quadrinhos [...] livros, a biblioterapia é um recurso riquíssimo que eu sempre uso muito com criança [...] os livros muitas vezes provoca o autodistanciamento, a criança se vê de uma perspectiva mais distanciada [...] trabalhar com fotos, que ela traga fotos de pessoas da família, de momentos que foram significativos pra ela, para também ir percebendo a questão das realizações, do que essa criança já vivenciou que ela traz como uma realização importante na vida dela [...] um diário, sobre o que ela vivenciou naquela semana. (Psicóloga A).

“Isso tudo a gente precisa investigar, porque com cada criança a gente vai descobrir um recurso que é melhor do que o outro” (Psicóloga A).

Quanto à utilização do lúdico na psicoterapia, considera-se a importância do trabalho de Winnicott, o psicanalista acredita que ao participar das brincadeiras infantis é possível

acessar o mundo imaginativo da criança e considera o brincar como uma forma de comunicação na psicoterapia. Sendo este o objetivo a ser alcançado ao utilizar-se de recursos lúdicos com crianças, o que também é proposto por Sánchez ao denominar o jogo socrático, onde através dele é possível estabelecer o diálogo com a criança.

No que se refere aos recursos citados pela psicóloga, ela expôs com bastante riqueza os que lança mão para a intervenção, contribuindo significativamente para uma prática com crianças, tornando possível a compreensão de que existem muitos recursos a serem utilizados de modo a facilitar o encontro existencial na psicoterapia.

7.2.4 ATUAÇÃO DO LOGOTERAPEUTA

“Deve ser uma atuação livre e responsável. É importante ele estar aberto a perceber o sentido do momento. Utilizar sua capacidade criativa, sua capacidade de autodistanciamento também.” (Psicóloga A).

“É todo um movimento muito autotranscendente também de abertura àquela pessoa, para compreendá-la na sua essência, para realmente estar conectado num diálogo mais profundo e num encontro realmente existencial.” (Psicóloga A).

Ao falar sobre a importância da relação terapêutica para a logoterapia, Aquino (2013, p.78) afirma que essa relação “é uma condição necessária para alcançar a profundidade do processo terapêutico e, por conseguinte, alcançar as alturas do espírito humano”.

“Essa questão da relação terapêutica é fundamental, em qualquer idade, em qualquer circunstância é uma das ferramentas principais do nosso trabalho.” (Psicóloga A).

Eu vejo que a atuação precisa estar pautada nesses princípios e num bom embasamento teórico, principalmente no que diz respeito à visão de pessoa que direciona nossa atuação. É preciso ter essa clareza em relação a esse embasamento teórico, sempre com o cuidado também de manter uma atitude fenomenológica apesar do embasamento teórico, mas que isso não funcione como concepções pré-concebidas, como pré-conceitos, mas muito mais como um norte realmente pra eu ter a clareza do que eu estou buscando ali, que é ajudar essa criança a também ativar nela a capacidade de autodistanciamento e de autotranscendência para o encontro do sentido, nas diversas situações que ela está vivenciando na vida dela. (Psicóloga A).

Frankl (2011) argumenta ser de grande importância “que o terapeuta seja bem consciente da visão de homem por meio da qual ele aborda seus pacientes e que tenha, igualmente, conhecimento das implicações metaclínicas de sua prática”. (p.41).

A vida da criança sempre percebida de uma maneira muito concreta, que contexto é esse que ela está inserida, de uma maneira muito concreta, o que está presente em termos de condicionamentos, seja de ordem biológica, psicológica, sociológica e onde está a liberdade daquela criança. Então, a atuação é muito voltada pra esse olhar pra identificar também as manifestações da dimensão espiritual da criança e ajudá-la a expressar isso cada vez mais, de uma forma cada vez mais autêntica pra que ela mesma se compreenda cada vez melhor e possa também fazer escolhas conscientes, responsáveis em relação até mesmo as atitudes que ela vai tomar para lidar com as dificuldades que ela está enfrentando na vida. (Psicóloga A).

“(...) é uma atuação que precisa ser bem fundamentada cientificamente, precisa estar bem respaldada tecnicamente e ao mesmo tempo bem criativa pra poder responder àquilo que a situação do momento está exigindo” (Psicóloga A).

“A capacidade de improvisar é muito importante, por parte do terapeuta, a capacidade de estabelecer uma boa relação terapêutica para que haja realmente um encontro existencial.” (Psicóloga A).

A Psicóloga A também fala do exercício de “constante afinação da consciência do próprio terapeuta em relação a captar o sentido do momento” para conduzir o atendimento de acordo com o que se apresenta, com uma postura de abertura.

O encontro na perspectiva da Logoterapia, ele é entendido não como uma díade, não só o eu e tu, mas também tem um terceiro elemento aí presente que é o sentido. Nossa perspectiva é muito mais ajudar a criança a perceber aquilo que está para além dela mesma e do próprio terapeuta, mas aquilo que é o sentido realmente, o sentido das diversas situações que ela está enfrentando. (Psicóloga A).

Frankl (2011) chama atenção de que a Logoterapia além de ter sido incluída como ramo da psiquiatria existencial, foi também conhecida como a única escola dessa abordagem a desenvolver algo que se pode chamar de técnica. Porém, os logoterapeutas não superestimam a importância das técnicas. Segundo ele, o que é mais significativo na terapia não são as técnicas, mas, sim, o tipo de relação humana que se estabelece entre terapeuta e paciente, o que ele chama de “o encontro pessoal e existencial”.

Uma abordagem puramente técnica em psicoterapia pode bloquear seus possíveis efeitos terapêuticos [...] enquanto nós entendermos nossa missão como psiquiatras apenas em termos de técnicas e dinâmicas, estaremos deixando de lado o essencial – perderemos de vista o âmago daqueles a quem oferecemos nosso socorro. Uma abordagem meramente técnica do ser humano implica, necessariamente, manipulação. Por sua vez, uma abordagem exclusivamente em termos de dinâmica tende a reificar o paciente – a transformar seres humanos em simples coisas. E esses mesmos seres humanos sentem, percebem imediatamente o aspecto manipulativo e a tendência reificante desse tipo de contato. Eu diria que a reificação se tornou o pecado original da psicoterapia. Mas o ser humano não é uma coisa. (FRANKL, 2011, p. 15).

Acredito que atuar segundo a Logoterapia pressupõe não perder de vista essa visão de homem, dessa abordagem, que é uma visão de ser humano livre, responsável, que

mesmo que sua liberdade sofra algum tipo de limitação, em última instância, ele pode se posicionar. E com a criança não é diferente. (Psicóloga B).

“Uma atuação que conceda que a vida sempre tem sentido, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, o ser humano tem como motivação básica alcançar sentidos e que os mesmos são atingidos pela realização de valores.” (Psicóloga B).

7.2.5 CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA PSICOTERAPIA INFANTIL

A Psicóloga A afirmou ser uma contribuição fundamental da Logoterapia e Análise Existencial a sua visão de pessoa “porque é algo realmente que fala de um ser humano que é total, desde que ele é concebido até quando ele chega no fim da sua existência”. (Psicóloga A).

A gente poder acreditar e apostar num ser humano que é uma totalidade, que tem uma força desafiadora do espírito que é capaz sim de enfrentar e superar muitas das suas limitações psicofísicas e de enfrentá-las com uma atitude positiva, apesar de todo condicionamento. (Psicóloga A).

“Frankl dizia isso, que se a gente perceber desde os primeiros momentos, quando a criança começa a interagir e sorrir pro pai, pra mãe, ela já é um ser total, de alguma forma já está expressando algo também da sua dimensão espiritual” (Psicóloga A).

A partir desta fala da psicóloga A, foi possível identificar que apesar de Frankl não ter atuado com crianças, ele não negligenciou a infância em sua teoria, pelo contrário, afirmou que o ser humano é uma totalidade desde a sua concepção, logo, o espiritual já está presente, mas coberto pelas camadas do psicofísico, à espera do momento em que possa romper essas camadas e manifestar-se. (FRANKL, 1978).

Quem, tendo passado pela experiência de educar uma criança, não viu chegar o momento em que a pessoa espiritual se anuncia pela primeira vez? Quem, num caso desses, não se sentiu emocionado ao contemplar o primeiro sorriso da criança? O instante em que algo relampeja, algo que parece ter esperado sempre por esse minuto verdadeiramente luminoso, no qual algo brilha, exatamente por um momento, talvez somente por uma fração de segundo para logo desaparecer, recuando para trás do organismo psicofísico – de novo oculto, aparentemente mero autômato, que dá a impressão de ser apenas um aparelho controlado por reflexos condicionados e incondicionados. (FRANKL, 1978, p.130).

A pessoa espiritual então se anuncia. Foi essa pessoa que esperou para sorrir através do organismo, e assim, transformar, o organismo no seu campo de expressão. (FRANKL,

1978). Este exposto contribuiu para o entendimento de que a criança pode sim ser orientada quanto ao sentido da vida, uma vez que desde a sua concepção é uma pessoa espiritual.

Aquilo que o Frankl fala sobre o processo terapêutico em si, eu penso que é muito válido pro trabalho com criança, quando ele fala dessa combinação da personalidade do terapeuta com a personalidade do paciente que dá um resultado totalmente novo e diferente, quando ele fala que a técnica pela técnica não é o que realmente vai fazer a diferença no processo terapêutico, mas muito mais o encontro existencial que se estabelece que isso que realmente proporciona, esse vínculo que se cria é o que permite de fato que a gente possa verdadeiramente ajudar aquela pessoa, não é uma técnica isoladamente. Quando ele fala da importância, quando valoriza a capacidade de improvisação, da criatividade do terapeuta, quando ele fala da importância do humor também no processo terapêutico, todos esses elementos são muito válidos e muito úteis pro trabalho infantil. (Psicóloga A).

Frankl (2011, p.17) afirma que: “a sabedoria pode ser insuficiente sem o toque humano”. Ou seja, não adianta apenas o conhecimento científico e o uso de técnicas no processo terapêutico, pois o paciente deve sentir-se acolhido pelo terapeuta. Então, considera como capacidades fundamentais do terapeuta, a individualização e a improvisação. A primeira diz respeito à habilidade do terapeuta em compreender a unicidade do paciente. A segunda refere-se à capacidade de criatividade do terapeuta, de modo a improvisar e inventar a si própria, de acordo com cada caso. (FRANKL, 1991).

Semelhantemente à Psicóloga A, a Psicóloga B afirmou ser a visão de homem a principal contribuição da Logoterapia e Análise Existencial.

Ela retoma a questão da categoria noética e espiritual é fantástico porque ela traz essa liberdade de posicionamento, em face aos condicionamentos, isso é essencial pra quem vai trabalhar tanto adulto como criança. E o sentido da vida também, porque a gente percebe em muitas situações o vazio existencial [...] com relação a psicoterapia infantil, eu entendo que ela dá essa contribuição de visão de homem, mas eu acho que a psicoterapia infantil ela ainda precisa ser mais aprimorada, eu acho que ela tá engatinhando ainda, eu acho que ela precisa mais de pesquisas, precisa de mais pessoas pesquisando, falando sobre isso, propondo intervenções, porque ainda temos algumas adaptações que precisam de mais teóricos falando sobre isso. Nós temos alguns, mas eu ainda acho que é pouco [...] pra que a gente possa ir desenvolvendo técnicas e intervenções específicas para o público infantil, porque ele realmente requer, um cuidado, porque é um outro universo, o universo infantil não é a mesma coisa do universo adulto. (Psicóloga B).

Concordamos com a fala da psicóloga B de que a psicoterapia infantil em Logoterapia ainda está engatinhando e precisa ser aperfeiçoada, necessitando também de mais pesquisas. Por isso, este trabalho tem como objetivo analisar as possíveis contribuições teóricas da Logoterapia e Análise Existencial para a intervenção na clínica infantil, buscando contribuir para a ampliação, compreensão, aprofundamento e divulgação do conhecimento sobre a contribuição da Logoterapia no trabalho com crianças e com a clínica infantil.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu possibilitar uma apresentação, discussão, análise e reflexão, a partir de referenciais teóricos em conexão com os dados coletados através de entrevista com duas psicólogas, sobre a clínica infantil na abordagem da Logoterapia. O objetivo principal do estudo, de analisar as possíveis contribuições teóricas desta abordagem para a intervenção na clínica infantil, foi alcançado. Os resultados obtidos corroboram a literatura existente.

A abordagem psicoterapêutica, Logoterapia e Análise Existencial, tem como fundador o médico psiquiatra, Viktor Frankl. A visão de homem desta abordagem se sustenta sobre três pilares: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. Frankl defende que ser homem é ser livre e ser responsável. A logoterapia vê na responsabilidade a essência propriamente dita da existência humana. Frankl (2015) declara que o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida.

Para alcançar os objetivos propostos apresentou-se as percepções de algumas teorias da Psicologia acerca da infância. A partir da proposta filosófica de Merleau-Ponty, o fenômeno da infância deve ser compreendido pela via das relações que a criança estabelece com o mundo (família, sociedade, cultura etc.). Na visão de Merleau-Ponty, a compreensão do homem só é possível em sua existência no mundo. Buber apresenta a relação como o fundamento da existência humana. Essa existência é constituída no diálogo. Sendo o encontro dialógico a relação de maior valor existencial. Segundo a abordagem gestáltica, o ser humano é compreendido como uma totalidade, ele é essencialmente relacional, contextual e singular; constituindo-se a partir das relações que estabelece no mundo. O pensamento de Vygotsky contribuiu com este trabalho por sua compreensão do homem a partir da relação deste com a sociedade e com o contexto histórico, destacando que o desenvolvimento psicológico da criança acontece através da interação e das relações estabelecidas pelo homem com o mundo. Winnicott considera que a história de um ser humano começa antes mesmo de nascer, sendo o seu desenvolvimento um processo contínuo. Destaca a importância da relação íntima entre mãe e bebê, acreditando que essa relação constrói os alicerces da personalidade da criança; e afirma que um bebê é essencialmente parte de uma relação. As contribuições deste psicanalista quanto ao brincar são admiráveis. O estudo destas teorias permite melhor

compreensão acerca do desenvolvimento humano. A escolha se deu por apresentarem semelhanças com a teoria de Viktor Frankl.

Tornou-se relevante para a pesquisa um breve histórico acerca do reconhecimento da infância pela sociedade. Tendo destaque especial os estudos de Áries, sendo possível perceber que a criança nem sempre foi vista como é atualmente, nem tinha suas próprias especificidades. Com a importância que conquistou na sociedade moderna, a criança não é mais vista como um adulto em miniatura, sendo considerada uma fase do desenvolvimento humano com características próprias. Também se considerou importante fazer o recorte do histórico da criança no Brasil.

Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a temática da Logoterapia e Análise Existencial, destacando-se a vida existencial do seu fundador, bem como a ontologia dimensional, os postulados básicos desta teoria e algumas considerações acerca de sua prática, considerando a importância da relação terapêutica para a Logoterapia, suas técnicas e métodos e apresentadas contribuições da prática de alguns logoterapeutas para a intervenção na clínica infantil. Mesmo com a limitação de serem incipientes as publicações acerca da temática acreditamos ter superado as nossas expectativas, tendo sido estas de grande contribuição para o desenvolvimento deste trabalho monográfico. Outra limitação considerada foi o pequeno número de entrevistados, pois, na época de realização da pesquisa foram encontradas apenas estas duas psicólogas.

As visões sobre a clínica infantil na Logoterapia entre as psicólogas entrevistadas foram semelhantes e como dito anteriormente corroboraram com a literatura, de modo que durante os resultados e a discussão construiu-se uma relação entre as duas, possibilitando uma exemplificação, compreensão e aprofundamento acerca da teoria com a prática.

Algumas considerações obtidas a partir dos resultados desta pesquisa merecem destaque por seu impacto para a prática psicológica. Primeiro, ao realizar as entrevistas com as psicólogas, tornou-se mais fácil a visualização desta teoria na prática clínica infantil. Segundo, a consideração de que, mesmo não havendo referências de intervenções ou técnicas com crianças por Frankl, ele afirma que a Logoterapia é um sistema aberto, esta teoria é aberta à cooperação com outros métodos psicoterapêuticos e é aberta à sua própria evolução, ou seja, mesmo que ele não tenha realizado essa prática, os seus seguidores podem e devem realizá-la. O terceiro ponto, diz respeito à riqueza de recursos que podem ser utilizados na clínica infantil, expostos de maneira muito rica por uma das psicólogas, contribuindo

significativamente para esta prática e tornando possível a compreensão de que existem muitos recursos a serem utilizados de modo a facilitar o encontro existencial na psicoterapia. Por fim, pontua-se a riqueza de dados obtidos – mais do que o esperado –, corroborando estes com a teoria da Logoterapia e Análise Existencial e que o questionamento feito ao iniciar este trabalho “é possível orientar a criança quanto ao sentido da vida?” foi respondido pelo próprio Frankl, bem como pelos trabalhos estudados de alguns logoterapeutas e pelas psicólogas entrevistadas.

Por fim, considera-se esta pesquisa relevante no sentido de que é uma contribuição ao campo de estudo da prática clínica infantil a partir da Logoterapia e à própria evolução desta teoria; e espera-se que esta pesquisa incentive outros pesquisadores a dedicarem-se a esta temática, que é um campo de ação novo, aberto e necessário considerando que a infância precisa ser vista como uma fase que necessita de cuidados - uma vez que é o início de construção do ser pessoa - a fim de apresentarem novas propostas para este campo e difundir o entendimento de que a criança pode sim ser orientada para a percepção, busca e realização de sentido e que, é possível, sim, o trabalho com esta fase do desenvolvimento humano a partir da Logoterapia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. **Gestalt terapia com crianças: teoria e prática**. Campinas: Livro Pleno, 2005.

ANDRADE, L.B.P. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853-06.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2018.

AQUINO, T. A. A de. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____ et al. Logoterapia no contexto da psicologia: reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como uma modalidade de psicoterapia. **Logos & Existência**: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 4, n. 1, p. 45-65, 2015.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOCK, Ana Mercedes Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. 368 p.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

DOURADO, Ana Cristina Dubeux. História da infância e direitos da criança. In: Salto para o futuro. Ano XIX, n. 10. TV Escola: 2009.

FIZOTTI, E. Las raíces de la logoterapia: Escritos juveniles 1923-1942, 2005. Argentina: San Pablo.

FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da Psicoterapia**. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **A psicoterapia na prática**. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2005.

_____. **O que não está escrito nos meus livros: memórias.** Tradução de Cláudia Abeling. São Paulo: Ed. É Realizações, 2010.

_____. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia.** Traduzido por Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas.** Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração** (W. O. Schlupp & C.C. Aveline, trad. 37. ed). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **O sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver.** Traduzido por Karleno Bocarro. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2015a.

_____. **A presença ignorada de Deus.** Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 16. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015b.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida.** Traduzido por Alípio Maia de Castro. 6. ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

FREITAS, M. L. S. **Há coerência entre a vida e a obra de Viktor Frankl? . Logos & Existência:** Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 1, n. 2, p. 115-127, 2012.

FRÓIS, Érica Silva. **As práticas da criança na contemporaneidade: o brincar analógico e digital: uma perspectiva acerca do corpo no processo de subjetivação infantil.** 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.pucminas.br/documentos/dissertacao_ERICA_SILVA.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KROEFF, Paulo. **Logoterapia e Existência: A importância do sentido da vida.** Porto Alegre: Evangraf, 2014.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia: A força desafiadora do espírito.** São Paulo: Edições Loyola, 1989.

_____. **Prevenção Psicológica:** A prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da Logoterapia (C. A. Pereira, trad.). Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Psicologia Espiritual.** São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **Histórias que curam... porque dão sentido à vida.** Campinas: Verus, 2005.

MACHADO, M. M. **Fenomenologia e Infância: o direito da criança ser o que ela é.** R. Educ. Públ. Cuiabá, v.22, n.49/1, p.249-264, maio/ago.2013.

_____. **A flor da vida/Sementeira para a fenomenologia da pequena infância.** PUC-SP, São Paulo, 2007.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2005. 110 p.

MELEAU-PONTY, Maurice. **Textos selecionados.** Seleção de textos de Marilena De Souza Chauí...ET.AL. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Fenomenologia da percepção.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NETO, O. C. Pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 51-66.

NARDI, E. R. & CAMARGO, R. L. **Fenomenologia da infância.** Revista Filosofia Capital. Brasília, vol. 5, n. 11, p.92-102, jul/2010.

OAKLANDER, V. Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro: AGIR, 2004. 48. ed. Tradução de Dom Marcos Barbosa.

SÁNCHEZ, M. C. Aportes a La psicoterapia con niños: orientando hacia el sentido de vida. In: **Logoterapia en acción: Aplicaciones prácticas.** Buenos Aires: San Pablo, 2009.

SILVA, C. D. **A importância do espaço físico adequado para o desenvolvimento cognitivo e motor de crianças de quatro e seis anos de idade.** (Monografia). Orientação: Dayse Serra. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/C206231.pdf. Acesso em: 25 de mai. 2018.

SOUZA, Camila Anabela de Brito. Concepção de Infância em Philippe Ariés. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/CAMILA%20ANABELA%20DE%20BRITO%20SOUZA%20CONCEPCAO%20DE%20INFANCIA%20EM%20PHILLIPPE%20ARIES.pdf>>. Acesso em: 6 mai. 2018.

TELLES, Thabata Castelo Branco. A infância na fenomenologia de Merleau-Ponty: contribuições para a psicologia e para a educação. **Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas**. v. 6, n. 2, p. 4-13, abr./out. Belém, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000200002>. Acesso em: 04 mar. 2018.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: desenvolvimento dos processos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Tradução de: Alvaro Cabral. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PSICOLOGIA

Roteiro de entrevista para realização da Monografia: “Contribuições da Logoterapia para uma intervenção na clínica infantil”

Identificação

Nome:

Idade:

Tempo de formado:

Local de formação:

- 1) Desde quando você trabalha com a Logoterapia infantil?
- 2) No início da sua carreira você já trabalhava na abordagem da Logoterapia?
- 3) Como acontece uma intervenção logoterapêutica com crianças?
- 4) É possível orientá-las quanto ao sentido da vida?
- 5) Quais são as técnicas e recursos utilizados?
- 6) Como deve ser a atuação do logoterapeuta?
- 7) A partir da sua prática como você avalia a contribuição da Logoterapia e Análise Existencial para psicoterapia infantil?

APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal do Maranhão

Centro de Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: **INTERVENÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL:** Contribuições da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.

Pesquisadoras responsáveis: ProfessoraMs Francisca Pereira da Cruz Zubicueta (orientadora); Maria Adélia de Fátima Pereira de Paiva (discente).

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de um estudo denominado: **INTERVENÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL:** Contribuições da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, cujo objetivo é identificar e analisar as possíveis contribuições teóricas da Logoterapia e Análise Existencial para a intervenção na clínica infantil.

Sua participação envolve concessão de entrevista, que será gravada e apagada após a finalização do trabalho. As informações obtidas poderão ser apresentadas à comunidade científica, sendo mantido o sigilo dos participantes.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer informação e/ou esclarecimento que considere necessário, em qualquer momento da pesquisa. É garantido o respeito a sua privacidade, assim como seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo. Estas informações serão mantidas em sigilo.

Você pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, não sofrendo nenhum tipo de penalidade decorrente da desistência em participar da pesquisa.

Esta pesquisa envolve riscos mínimos, sendo assegurada a assistência psicológica durante todo o estudo, caso necessário. De igual maneira, caso ocorra algum dano

decorrente de sua participação no estudo, será compensado, conforme estabelecido na Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7.

Nome e Assinatura do pesquisador

Desta forma, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado, e compreendida a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto o meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou pagar, por minha participação, tendo recebido uma via deste termo de consentimento.

São Luís (MA), _____ de _____ de _____.

Nome e assinatura do participante

Contato das pesquisadoras: Maria Adélia de Fátima Pereira de Paiva; Matrícula Nº 2012042446; Telefone: (98) 981075329. Professora Ms Francisca Pereira da Cruz Zubicueta Mat. SIAPE:014455579/3445557(orientadora); Telefone: (98) 99975-0967.